

J.D.
ROBB

[PSEUDÓNIMO DE NORA ROBERTS]

FAMA
MORTAL

Tradução de Marco Neves e Rúben Neves



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

A dádiva fatal da beleza.
Byron

Torna-me imortal com um beijo.
Christopher Marlowe

Casar-se era um crime. Eve não tinha a certeza de como tudo tinha acontecido. Ela era polícia, por amor de Deus. Durante os seus dez anos na instituição, sempre tinha acreditado que os polícias deveriam permanecer solteiros, livres e devotados somente ao trabalho. Era de loucos pensar que uma pessoa podia dividir tempo, energia e emoções entre a lei, com todos os altos e baixos, e a família, com todas as necessidades e caprichos que tal acarreta.

Ambas as carreiras — e pelo que ela sabia, o casamento era um emprego — tinham exigências impossíveis e horários infernais. Podíamos estar no ano de 2058, uma época de enormes avanços tecnológicos, mas o casamento continuava a ser o casamento. Para Eve era sinónimo de terror.

Ainda assim, aqui estava ela num lindo dia de Verão — um dos seus raros e preciosos dias de folga — a preparar-se para ir às compras. Os arrepios não paravam.

Sentiu um aperto no estômago: não eram simples compras — ia comprar um vestido de noiva.

Tinha perdido o juízo, obviamente.

O culpado era Roarke, claramente. Tinha-a apanhado num momento frágil. Ambos feridos e a sangrar, com sorte em estarem vivos. Quando um homem é esperto e conhece a sua presa bem o suficiente para escolher tal altura e lugar para a pedir em casamento, bem, uma mulher não tem hipótese.

Pelo menos uma mulher como Eve Dallas.

— Pareces estar prestes a enfrentar um bando de drogados de mãos vazias.

Eve descalçou um sapato e olhou rapidamente para cima. Pensou que ele era demasiado atraente. Era um crime ser-se tão atraente. O semblante forte, a boca de poeta, uns olhos azuis de morrer. Um farto cabelo preto. Se se conseguisse passar da cara para o corpo, este era igualmente impressionante. Depois juntava-se um leve sotaque irlandês e, bem, tinha-se um homem dos diabos.

— Aquilo que estou prestes a enfrentar é pior que qualquer drogado. — Ao ouvir a lamúria na sua própria voz, Eve franziu o sobrolho. Ela nunca se lamuriava. Mas a verdade é que preferia lutar corpo a corpo com um toxicod dependente sob o efeito de drogas, do que discutir bainhas.

Bainhas, por amor de Deus.

Evitou praguejar, enquanto o observava minuciosamente a atravessar o quarto espaçoso. Ele tinha uma maneira de a fazer sentir tola em momentos estranhos. Como agora, ao sentar-se a seu lado na cama, alta e larga, que partilhavam.

Ele envolveu o queixo dela com a mão.

— Estou perdidamente apaixonado por ti.

Ali estava. Este homem de olhos azuis pecaminosos, forte, lindo, com um aspecto semelhante ao de um anjo rafaelita condenado, amava-a.

— Roarke. — Lutou para retrain um suspiro. Ela podia e já tinha enfrentado um mercenário mutante, louco e armado com uma arma laser, com menos medo com que enfrentava tamanha emoção.

— Vou até ao fim. Disse-te que o faria.

Ele franziu a testa. Admirava-se de como podia Eve não se aperceber do seu próprio encanto ao sentar-se ali, inquieta, com o seu pobre cabelo castanho-claro de pé e em tufos, despertado pelas suas mãos inquietas, com linhas finas de irritação e dúvida a estenderem-se ao longo dos seus grandes olhos de cor âmbar.

— Querida Eve. — Beijou-a, suavemente, primeiro nos lábios franzidos e depois na suave covinha do queixo. — Nunca duvidei disso. — Embora tivesse duvidado constantemente. — Hoje tenho de tratar de várias coisas. Ontem chegaste tarde. Não te pude perguntar se tinhas planos.

— A vigilância no caso Bines passou das três da manhã.

— Apanhaste-o?

— Veio direitinho para os meus braços, sob o efeito de oníricos e de uma maratona de Realidade Virtual. — Eve sorriu, mas era o sorriso de um caçador, sombrio e selvagem. — O sacaninha do assassino comportou-se como o meu dróide pessoal.

— Ainda bem. — Deu-lhe uma palmadinha no ombro antes de se levantar. Desceu da plataforma para o quarto de vestir, onde analisou um conjunto de casacos.

— E hoje? Relatórios para preencher?

— Hoje estou de folga.

— Ai, sim? — Distraído, virou-se com um lindo casaco de seda cinzento antracite nas mãos. — Posso reorganizar parte da minha tarde, se quiseres.

O que seria, pensou Eve, parecido com uma batalha de reorganizações. No mundo de Roarke, os negócios eram uma guerra lucrativa e complicada.

— Já tenho planos. — O sobrolho franzido tomou-a novamente de

assalto antes que o pudesse evitar. — Vou às compras — disse em tom baixo. — Vestido de noiva.

Roarke rapidamente esboçou um sorriso. Dela, tais planos eram uma declaração de amor.

— Não admira que estejas tão rabugenta. Disse-te que tratava disso.

— Eu escolho o meu próprio vestido de noiva. E eu mesma o pago. Não me vou casar contigo pela porcaria do teu dinheiro.

Calmo e elegante como o casaco que vestira, ele continuou a sorrir.

— Porque é que vai casar comigo, tenente? — A sua irritação aumentava, mas ele era, acima de tudo, um homem paciente. — Queres escolha múltipla?

— Porque nunca aceitas um “não” como resposta. — Levantou-se, enfiando as mãos nos bolsos da frente das suas calças de ganga.

— Só recibes meio ponto por essa. Tenta novamente.

— Porque perdi a cabeça.

— Essa não te ganha a viagem para dois ao Mundo Trópico na Estrela 50.

Um sorriso hesitante surgiu nos seus lábios.

— Talvez te ame.

— Talvez ames. — Agradado com a resposta, aproximou-se e pousou a mão nos fortes ombros dela. — Quão mau pode ser? Metes uns quantos programas de compras no computador, vês dúzias de vestidos adequados, encomendas o que te despertar a atenção.

— Era essa a minha ideia. — Revirou os olhos. — A Mavis colocou-a de parte.

— A Mavis. — Ficou um pouco pálido. — Eve, diz-me que não vais às compras com a Mavis.

Tal reacção animou-a.

— Ela tem um amigo. É estilista.

— Meu Deus...

— Ela diz que ele é fantástico. Apenas precisa de uma oportunidade para ganhar nome. Tem uma pequena oficina no Soho.

— Vamos fugir para nos casar. Já. Estás ótima.

O sorriso de Eve era visível.

— Estás assustado?

— De morte.

— Ainda bem. Agora estamos quites. — Agradada por estar ao mesmo nível que ele, inclinou-se e beijou-o. — Agora podes preocupar-te, durante as próximas semanas, sobre o que irei usar no grande dia. Tenho de ir. — Afagou-lhe a face. — Vou encontrar-me com ela daqui a vinte minutos.

— Eve. — Roarke agarrou-a pela mão. — Não farias nada de ridículo, certo?

Libertou-se dele.

— Vou casar-me, não vou? O que poderia ser mais ridículo?

Ela desejava que ele ficasse preocupado com isso durante todo o dia. A ideia de se casar era assustadora o suficiente, mas a cerimónia — roupas, flores, música, pessoas. Era horrível.

Apressou-se a chegar à baixa pela Lex, travando a fundo e proferindo insultos em tom baixo a um vendedor ambulante que se intrometeu na faixa com o seu carro desliza. A contra-ordenação já era má o suficiente, mas o cheiro de cachorros de soja sobrecozinhados bateu-lhe no estômago nervoso que nem chumbo.

O táxi atrás dela quebrou o código intercidades de poluição sonora ao apitar a buzina e ao gritar insultos pelo altifalante. Um grupo de pessoas, evidentemente turistas, carregados com câmaras portáteis, mapas computadorizados e binóculos, olhavam boquiabertos para o trânsito barulhento. Eve abanou a cabeça enquanto um ladrão de dedos rápidos abria caminho entre eles à cotovelada.

Quando voltassem ao hotel, veriam que lhes tinham roubado créditos. Se Eve tivesse tido tempo e um local para encostar, poderia ter perseguido o ladrão. Mas este perdeu-se pela multidão e atravessou um quarteirão com os seus patins aéreos, antes que ela pudesse pestanejar.

Era Nova Iorque, pensou com um leve sorriso.

Cada um está por sua conta.

Ela adorava as multidões, o barulho, aquela adrenalina frenética. Raramente se estava sozinho, mas não havia intimidade. Esse foi o motivo que a fez escolher a cidade há tantos anos.

Não, não era nenhum animal social, mas demasiado espaço e solidão enervavam-na.

Veio para Nova Iorque para ser polícia, pois acreditava na ordem, necessitava desta para sobreviver. A sua infância miserável e violenta, com tantos espaços em branco e cantos escuros, não podia ser apagada. Mas ela tinha mudado. Tinha tomado as rédeas da sua vida, transformou-se na pessoa que um assistente social anónimo chamou de Eve Dallas.

Agora estava novamente a mudar. Em algumas semanas já não seria somente a tenente Eve Dallas, do departamento dos homicídios. Seria a

esposa de Roarke. Como conseguiria ser ambas era um mistério maior do que qualquer um dos casos que passaram pela sua secretária.

Nenhum deles sabia o que significava ser família, ter família, fazer uma família. Conheciam a crueldade, o abuso, o abandono. Ponderava se era por isso que estavam juntos. Ambos percebiam o que era não ter nada, não ser nada; conheciam o medo, a fome e o desespero — e ambos se reconstruíram a eles próprios.

Seria só a necessidade mútua que os atraiu? Necessidade de sexo, de amor, da combinação dos dois que Eve nunca pensara ser possível antes de Roarke.

Uma questão para a Dra. Mira, pensou, lembrando-se da psiquiatra da polícia que por diversas vezes consultara.

Mas por agora, estava decidida a não pensar no futuro ou no passado. O momento já era complicado o suficiente.

A três quarteirões da Green Street, aproveitou a oportunidade e enfiou-se num apertado lugar de estacionamento. Depois de procurar nos bolsos, encontrou algumas fichas de créditos exigidos pelo velho parquímetro numa mistura de tons estúpidos com estática e pagou por duas horas.

Se demorasse mais do que isso, estaria pronta para uma sala de tranquilidade e uma multa não a aborreceria de todo.

Respirando fundo, analisou a área. Não era chamada para tão longe na Baixa com muita regularidade. Existem homicídios por todo o lado, mas o Soho era um baluarte artístico para os jovens e para as pessoas em dificuldade que geralmente resolviam as suas disputas enquanto bebiam copos minúsculos de vinho barato ou chávenas de café.

Por agora, o Soho estava repleto de Verão. Os vendedores de flores transbordavam rosas, as vermelhas clássicas e as rivais cor-de-rosa com tiras híbridas. O trânsito zumbia e ecoava na rua, com ruídos vindos de cima, a deitar um pouco de fumo nos peões que circulavam sem segurança. Os peões preferiam, geralmente, os passeios cénicos, embora os desliza-pessoas estivessem ocupados. As capas, em voga na Europa, saltavam à vista, com sandálias artísticas, toucados, e os colares brilhantes a abanar desde orelhas até às omoplatas.

Artistas de óleo, aguarela e digitais vendiam os seus trabalhos nas esquinas e à frente das lojas, competindo com vendedores de comida que prometiam frutos híbridos, iogurtes gelados, ou purés de vegetais não contaminados por conservantes.

Membros da Facção Purista, um marco do Soho, deslizavam nas suas túnicas de neve para limpar as ruas, com os olhos a brilhar e as suas cabeças rapadas. Eve deu umas fichas a um pedinte bastante devoto, sendo recompensada com um sorriso beatífico e uma pedra brilhante.

— Amor puro. — Ofereceu-lhe o devotado. — Alegria pura.

— Pois, claro — sussurrou Eve e deu um passo para o lado.

Ela tinha de voltar atrás para encontrar a oficina de Leonardo. O estilista em ascensão tinha um apartamento num terceiro andar. A janela que dava para a rua estava apinhada de vestidos, manchas e vestígios de cores e formas que deixaram Eve a engolir em seco. O seu gosto tendia para o simples — para o aborrecido, segundo Mavis.

Não parecia, à medida que se ia aproximando, que o gosto de Leonardo se inclinasse para tal.

O aperto no estômago voltou, e piorou, quando olhou para a montra com penas, pérolas e fatos de corpo inteiro de borracha tingida. Por muito prazer que tivesse em ver a careta de Roarke, ela não se casaria em borracha de néon.

Havia mais, muito mais. Parecia que Leonardo gostava de fazer publicidade de maneira espalhafatosa. A sua peça principal, uma modelo dum branco fantasmagórico, sem cara, estava envolvida em lenços transparentes de maneira tão dramática que o material parecia estar vivo.

Eve não se conseguia imaginar com tal coisa vestida.

Pois, pois, pensou. De maneira alguma. Virou-se, a pensar apenas em fugir, embatendo em cheio em Mavis.

— O trabalho dele é tão bom. — Mavis colocou o braço na cintura de Eve, de maneira gentil mas controladora e olhou de forma apaziguante para a janela.

— Ouve, Mavis...

— E ele é extremamente criativo. Já o vi criar coisas no ecrã. É brutal.

— Sim, brutal. Estou a pensar...

— Ele entende profundamente a alma — disse logo Mavis. Ela compreendia profundamente a alma de Eve, e sabia que a amiga estava prestes a fugir. Mavis Freestone, esguia como uma fada no seu macacão branco e dourado e nas suas plataformas aéreas de oito centímetros, atirou o seu cabelo encaracolado, preto com madeixas brancas, para trás, mediu a sua adversária e sorriu.

— Ele vai-te transformar na noiva mais espectacular de Nova Iorque.

— Mavis. — Eve semicerrou os olhos para evitar nova interrupção.

— Apenas quero algo que não me faça sentir como uma idiota.

Mavis ficou radiante e, levando a mão ao peito, o seu coração tatuado nos bíceps batia as suas asas.

— Dallas, confia em mim.

— Não — disse Eve enquanto Mavis a puxava de volta para o desliza-pessoas. — Estou a falar a sério, Mavis. Vou encomendar noutra sítio qualquer.

— Só por cima do meu cadáver — disse Mavis, arrastando Eve consigo pela rua. — O mínimo que podes fazer é ver, falar com ele. Dá-lhe uma oportunidade — disse, mostrando o seu lábio inferior, uma arma magnífica quando pintado de magenta. — Não sejas desmancha-prazeres.

— Merda, já aqui estou de qualquer das maneiras.

Apressada pelo sucesso, Mavis saltou para frente da câmara de segurança.

— Mavis Freestone e Eve Dallas, para ver Leonardo.

A porta exterior abriu-se com um ruído desagradável. Mavis foi directamente para o velho elevador.

— Este sítio está mesmo virado para o *retro*. Acho que o Leonardo é capaz de continuar aqui, mesmo depois de ter sucesso. Sabes como é, artista excêntrico e tal.

— Certo. — Eve fechou os olhos e rezou à medida que o elevador subia atribuladamente. Quando descesse, viria, de certeza, pelas escadas.

— Mantém a mente aberta — ordenou Mavis — e deixa que o Leonardo tome conta de ti. Querido! — Saiu alegremente do pequeno elevador num colorido e desarrumado espaço. Eve não podia deixar de a admirar.

— Mavis, minha pomba.

Eve ficou pasma. O homem com nome de artista tinha dois metros e uma constituição que nem um maxibus. Enorme, com bíceps montanhosos a saírem de um robe sem mangas da cor de um pôr-do-sol marciano. A sua face era larga como a lua, a sua pele em tom de cobre esticava-se sobre as maçãs do rosto. Tinha uma pedra pequena e brilhante a cintilar ao lado do seu sorriso, e olhos como moedas de ouro.

Rodopiou Mavis para os seus braços, levantando-a, num rápido e gracioso círculo. Beijou-a, de tal maneira que Eve ficou convencida que estes teriam mais do que uma paixão mútua por arte e moda.

— Leonardo. — Cintilando como uma tola, Mavis passou os dedos de ponta dourada pelos seus caracóis apertados, compridos até ao ombro.

— Princesa.

Eve conseguiu evitar rir-se ao vê-los a sussurrar meiguices, mas revirou os olhos. Agora estava presa, sem dúvida. Mavis estava novamente apaixonada.

— O cabelo está maravilhoso. — Leonardo percorreu o cabelo com madeixas de Mavis, com os seus dedos cheios de afecto, do tamanho de cachorros de soja.

— Esperava que gostasses. Esta... — Houve uma pausa dramática, como se estivesse prestes a anunciar o seu cão premiado. — ... É a Dallas.

— Ah sim, a noiva. Prazer em conhecê-la, tenente Dallas. — Mante-

ve um braço à volta de Mavis e disparou o outro para agarrar a mão de Eve.
— A Mavis falou-me tanto de si.

— Sim. — Eve olhou para a amiga. — Ela tem sido um pouco parca nos detalhes sobre si.

Ele riu-se, um som alto que fez os ouvidos de Eve zumbir mesmo quando os seus lábios se mexeram em resposta.

— O meu docinho consegue ser reservado. Refrescos? — Sugeriu, desaparecendo de seguida num turbilhão de cor e inesperada elegância.

— É maravilhoso, não é? — Sussurrou Mavis, com os olhos a dançarem de amor.

— Andas a dormir com ele.

— Não acreditarias no quão... inventivo ele é. Quão... — Mavis expirou, afagou o peito. — O homem é um artista sexual.

— Não quero saber disso. Não quero ouvir nada sobre isso. — Franziendo as sobrancelhas, Eve examinou a sala.

Era ampla, de tecto alto, apetrechada de pedaços de materiais. Arco-íris fúcsia, cascatas de ébano, piscinas amarelas-esverdeadas pingavam do tecto, ao longo das paredes, sobre mesas e braços de cadeiras.

— Meu Deus. — Era tudo o que conseguia dizer.

Por todo o lado estavam empilhados tabuleiros e taças com tiras, botões e fitas brilhantes. Faixas, cintos, chapéus e véus postos com fatos meio acabados de materiais reluzentes e corpetes ornamentados de tachões.

O lugar combinava o cheiro de uma quinta de incenso com o de uma florista.

Estava aterrorizada.

Empalidecida, Eve virou-se.

— Mavis, adoro-te. Talvez nunca te o tenha dito, mas adoro. Agora vou-me embora.

— Dallas. — Com um pequeno riso, Mavis agarrou-lhe o braço. Para uma mulher pequena, Mavis era surpreendentemente forte. — Tem calma. Respira. Garanto-te que o Leonardo vai tratar de ti.

— É disso que tenho medo, Mavis. Muito medo.

— Chá de limão, gelado. — Anunciou Leonardo, com um tom musical, ao voltar por entre seda simulada com um tabuleiro e copos. — Sentem-se, por favor. Primeiro vamos descontrair, conhecer-nos.

Com um olho na porta, Eve avançou para uma cadeira.

— Ouça Leonardo, a Mavis pode não ter explicado muito bem as coisas. Está a ver, eu sou...

— É uma detective dos homicídios. Já li coisas sobre si — disse Leonardo de maneira calma, aconchegando-se a um sofá em curva, com Mavis por todo o lado menos no seu colo. — O seu último caso foi bastante

mediático. Devo confessar que fiquei fascinado. A tenente trabalha com puzzles, tal como eu.

Eve provou o chá. Mal pestanejou quando descobriu que era encorpado, rico e maravilhoso.

— Trabalha com puzzles?

— Claro. Vejo uma mulher e imagino como a gostaria de ver vestida. Depois tenho de descobrir quem ela é, o que ela é, como vive a sua vida. Quais as suas esperanças, fantasias, a visão que tem de si. Depois pego em tudo e junto cada parte para criar um visual. A imagem. Primeiro, ela é um mistério, e sou forçado a resolvê-la.

Sem vergonha, Mavis suspirou vigorosamente.

— Dallas, ele não é magnífico?

Leonardo riu-se e encostou o nariz à orelha de Mavis.

— A tua amiga está preocupada, minha pomba. Está a pensar que a embrulharei em cor-de-rosa eléctrico e lantejoulas.

— Parece ser maravilhoso.

— Para ti. — Dirigiu-se novamente a Eve. — Então, vai-se casar com o esquivo e poderoso Roarke.

— Assim parece — disse Eve.

— Conheceu-o num caso. O caso DeBlasse, certo? E despertou-lhe a atenção com os seus olhos amarelo-acastanhados e com o seu sorriso sério.

— Não diria que...

— Não diria — prosseguiu Leonardo — porque não se vê como ele a vê. Ou como eu a vejo. Forte, valente, perturbada, fiável.

— O Leonardo é estilista ou analista? — perguntou Eve.

— Não se pode ser uma sem se ser a outra. Diga-me, tenente, como é que Roarke a conquistou?

— Não sou um prémio. — Disparou Eve, pondo o copo ao lado.

— Fantástico. — Leonardo entrelaçou os dedos e quase chorou. — Força e independência, e um pouco de medo. Será uma noiva magnífica. Agora, ao trabalho. — Levantou-se. — Venha comigo.

Ela levantou-se.

— Ouça, não vale a pena desperdiçar o seu tempo, ou o meu. Eu vou...

— Venha comigo. — Repetiu e agarrou a mão dela.

— Eve, dá-lhe uma oportunidade.

Por Mavis, permitiu que Leonardo a levasse por entre montes de material até uma secretária, também desarrumada, no lado oposto do apartamento.

O computador fê-la sentir-se um pouco melhor. Esses, ela entendia.

Mas os desenhos que criara, que estavam afixados e pregados em todos os espaços disponíveis, fizeram-na sentir um peso no coração.

Fúcsia e lantejoulas teriam sido um alívio.

As modelos, de corpos longos e exagerados, pareciam mutantes. Algumas tinham penas, outras pedras. Algumas usavam o que poderiam ter sido roupas, mas em estilos tão chocantes — colares pontiagudos, saias do tamanho de trapos, fatos de corpo inteiro como pêlo — pareciam participantes num desfile do Dia das Bruxas.

— Exemplos para a minha primeira passagem. A alta-costura é uma reviravolta à realidade, percebe. O arrojado, o único, o impossível.

— Adoro-os.

Eve curvou o lábio para Mavis e cruzou os braços.

— Vai ser uma cerimónia pequena, simples, em casa.

— Hmm. — Leonardo estava já ao computador, a usar o teclado com habilidade impressionante. — Agora vejamos... — Mostrou uma imagem que gelou o sangue de Eve.

O vestido era da cor de urina fresca, decorado com folhas cor de lama a partir do pescoço até à bainha pontiaguda, salpicado com pedras do tamanho de pulsos de crianças. As mangas estavam tão apertadas que Eve estava certa que quem as usasse perderia a sensação nos dedos.

Ao virar da imagem, deparou-se com a parte de trás, que caía pela cintura e estava bordada com penas.

— ... não é tudo para si — terminou Leonardo e cedeu a uma grande gargalhada devido à palidez de Eve. — Peço desculpa. Não pude resistir. Para si... é só um esboço, percebe. Esguio, longo, simples. Só uma coluna. Nada demasiado delicado.

Continuou a falar enquanto trabalhava. No ecrã, linhas e formas começaram a ser geradas. Enfiando as mãos nos bolsos, Eve observava.

Parecia tão fácil, Eve pensava. Linhas compridas, o mais subtil dos realces no corpete, mangas muito suaves, pontas arredondadas somente nas costas das mãos. Ainda pouco à vontade, esperou que ele começasse a adicionar os enfeites de mau gosto.

— Vamos mexer um pouco com isto — disse de forma distante, e virou novamente a imagem para mostrar uma parte de trás tão polida e elegante como a frente, com uma abertura para os joelhos. — Não quer um comboio.

— Um comboio?

— Não. — Sorriu apenas, olhando para Eve. — Não quer. Um toucado. O seu cabelo.

Habituada a comentários depreciativos, Eve passou os dedos pelo cabelo.

— Posso cobri-lo, se tiver de ser.

— Não, não, não. Fica-lhe bem.

A sua mão caiu, chocada.

— Fica bem?

— Completamente. Precisa de um pouco de forma. Conheço uma pessoa... — Pôs o assunto de parte. — Mas a cor, todos esses tons de cinzento e dourado, e o estilo curto, não bem domado, assenta-lhe muito bem. Um ou outro acerto. — Olhos semicerrados, estudou-a. — Não, nada de toucados, nada de véus. A sua cara é o suficiente. Agora, cor e material. Tem de ser seda, de um bom peso. — Esboçou um sorriso. — A Mavis diz-me que não será o Roarke a pagar...

Eve endireitou as costas.

— O vestido é meu.

— É intransigente nisto — comentou Mavis. — Como se o Roarke notasse uns poucos milhares de créditos.

— Não é isso que interessa...

— Não, de facto não é. — Leonardo sorriu novamente. — Bem, havemos de arranjar qualquer coisa. Cor? Penso que branco não, é demasiado agreste para o seu tom de pele.

Franzindo os lábios, foi até à sua paleta e experimentou. Apesar de tudo, Eve estava fascinada por ver o esboço passar de branco de neve para creme, para azul pálido, para verde forte e entretanto num arco-íris. Embora Mavis tenha manifestado o seu agrado com diversas escolhas, Leonardo apenas abanava a cabeça.

Ficou-se pelo bronze.

— Este. Oh sim, este. A sua pele, os seus olhos, o seu cabelo. Estará radiante, majestosa. Uma deusa. Com isto, precisará de um colar, com pelo menos setenta e cinco centímetros de comprimento. Melhor ainda, dois comprimentos, sessenta e setenta e cinco centímetros. Cobre, penso, com pedras às cores. Rubis, citrina, ónix. Sim, sim, e cornalina, talvez um pouco de turmalina. Depois fala com o Roarke por causa dos acessórios.

As roupas nunca significaram nada para Eve, mas sentiu-se a ansiar por aquilo.

— É lindo — disse cautelosamente e começou a calcular a sua situação monetária. — Não tenho a certeza. Percebe, seda... Está um pouco fora do meu orçamento.

— Eu pagarei o vestido, em troca de uma promessa. — Ele gostou da cautela que se apoderou dos olhos de Eve. — Que me seja permitido desenhar o vestido da Mavis como sua acompanhante, e que usará os meus vestidos para o seu enxoval.

— Ainda não pensei no enxoval. Eu tenho roupas.

— A tenente Dallas tem roupas — corrigiu. — A parceira do Roarke no casamento precisará de outras.

— Talvez possamos chegar a um acordo. — Ela apercebeu-se de que queria o raio do vestido. Já se conseguia sentir nele.

— Magnífico. Tire a roupa...

Eve sentiu-se novamente irritada.

— Olha lá, idiota...

— Para tirar as medidas. — Apressou-se Leonardo a dizer. O olhar nos seus olhos fê-lo levantar-se e recuar. Ele era um homem que adorava as mulheres, e percebia a sua raiva. Por outras palavras, tinha medo delas. — Tem de me ver como o seu médico. Não posso desenhar o vestido como deve ser até conhecer o seu corpo. Sou um artista e um cavalheiro — disse dignamente. — Mas a Mavis pode ficar, se a Eve preferir.

Eve inclinou a cabeça.

— Eu posso consigo, amigo. Se passar das marcas, ou sequer pensar nisso, descobrirá em primeira mão.

— Não duvido. — Cuidadosamente pegou num dispositivo. — O meu leitor óptico — explicou — irá medi-la com precisão. Mas terá de estar nua para uma leitura correcta.

— Pára de te rir, Mavis. Vai-nos buscar mais daquele chá.

— Com certeza. Já te vi nua, de qualquer das maneiras. — Atirando beijos a Leonardo, saiu.

— Tenho outras ideias... sobre roupas — disse Leonardo, quando Eve semicerrou os olhos. — A base para o vestido, obviamente. Vestidos de dia e noite, os formais, os casuais. Onde é a lua-de-mel?

— Não sei. Ainda não pensei nisso. — Resignada, tirou os sapatos e desapertou as calças.

— Então o Roarke vai surpreendê-la. Computador, criar ficheiro, Dallas, primeiro documento, medidas, cores, altura e peso. — Depois de Eve atirar a sua camisa para o lado, Leonardo chegou-se à frente com o leitor óptico. — Pés juntos, por favor. Altura, um metro e setenta e nove centímetros, peso, cinquenta e cinco quilos.

— Há quanto tempo anda a dormir com a Mavis?

Leonardo gravou mais umas informações.

— Há cerca de duas semanas. Gosto bastante dela. Cintura, sessenta e seis centímetros.

— Começou a dormir com ela antes ou depois de ela lhe dizer que a melhor amiga se ia casar com o Roarke?

Leonardo gelou e os seus olhos dourados cintilavam com raiva.

— Não estou a usar a Mavis para ganhar uma comissão e está a insultá-la ao pensar assim.

— Era só para confirmar. Também gosto muito dela. Se vamos fazer negócio, só me quero certificar de que todas as cartas estão viradas para cima. Então...

A interrupção entrou rapidamente e de maneira furiosa. Uma mulher de preto puro justíssimo, explodiu que nem um cometa, denteção perfeita, unhas vermelhas mortíferas em forma de garras.

— Seu traidor, cabrão filho da puta. — Saltou, como um morteiro lindo em direcção ao alvo e, com uma velocidade e graciosidade fruto do puro medo, Leonardo esquivou-se. — Pandora, eu posso explicar...

— Explica isto. — Direccionando a sua raiva para Eve, atacou em força, não arrancando os olhos de Eve por pouco.

Só havia uma coisa a fazer. Eve bateu-lhe.

— Meu Deus! — Leonardo, de ombros encolhidos, apertava as suas mãos do tamanho de presuntos.

— **T**inha de lhe ter batido?
Eve observou a mulher a revirar os olhos.
— Sim.
Leonardo pousou o leitor óptico e suspirou.
— Ela vai transformar a minha vida num autêntico Inferno.
— A minha cara, a minha cara. — Ao ficar novamente consciente, Pandora levantou-se trabalhosamente, enquanto tocava no seu maxilar. — Está ferido? Nota-se? Tenho uma sessão daqui a uma hora.
Eve encolheu os ombros.
— Azar.
Saltando entre disposições que nem uma gazela enlouquecida, Pandora disse entre dentes:
— Vou dar cabo de ti, cabra. Nunca mais vais trabalhar em cinema, música, e de certeza que não desfilarás em nenhuma *passarelle*. Sabes quem sou?
Por estar nua em tal circunstância, a disposição de Eve só piorou.
— Achas que me importo?
— O que é que se passa? Porra, Dallas, ele só te está a tentar medir...
Ah. — Ao entrar, Mavis parou impávida com copos em ambas as mãos. — Pandora.
— Tu. — Obviamente, o veneno de Pandora não estava perto do fim. Atirou-se a Mavis, partindo copos e espalhando chá. Numa questão de segundos, as duas mulheres estavam à pancada no chão, a puxar cabelos.
— Oh, por amor de Deus. — Se tivesse um tranquilizante, teria disparado sobre ambas. — Acabem com isso. Porra, Leonardo, ajuda-me aqui antes que se matem. — Eve mergulhou, puxando braços e pernas. Pandora levou um golpe extra nas costelas, para auto-satisfação de Eve.
— Juro que vos ponho numa cela. — À falta de melhor, sentou-se em cima de Pandora e puxou as suas calças para tirar o distintivo do bolso. — Olha bem, idiota. Sou polícia. Até agora, tens duas acusações de agressão. Queres uma terceira?
— Tira os ossos do teu cu de cima de mim.
Não foi a ordem, mas sim o tom calmo com que as palavras chegaram até Eve que a fez sair. Pandora levantou-se, limpou cuidadosamente as mãos ao seu justíssimo fato preto, fungou, atirou para trás o seu cabelo

farto, cor de fogo, e depois olhou de maneira frívola com os seus olhos de esmeralda.

— Com que então, uma de cada vez já não te chega, Leonardo. Seu traste. — Com o seu queixo esculpido erguido, lançou um olhar desdenhoso a Eve. — Meu querido, o teu apetite pode estar a aumentar, mas o teu gosto está a regredir.

— Pandora. — Ainda abalado e receoso de ser atacado, Leonardo humedeceu os lábios. — Disse que podia explicar. A tenente Dallas é uma cliente. Pandora cuspiu que nem uma cobra.

— É isso que lhes chamas agora? Pensas que me podes pôr de lado como roupa velha, Leonardo? Eu é que digo quando acaba.

A coxear um pouco, Mavis foi ter com Leonardo e colocou um braço na cintura deste.

— Ele não te quer e não precisa de ti.

— Estou-me pouco lixando para o que ele quer. Mas precisar? — Os seus lábios robustos formaram um sorriso. — Ele tem de te ensinar como é a vida, rapariga. Sem mim, não há desfile no próximo mês para as suas roupas de segunda categoria. E sem desfile, ele não vai vender nada, e sem vendas, não vai poder pagar o material, o inventário, ou aquele grande empréstimo que contraiu daqueles agiotas.

Respirou fundo e analisou as unhas que tinha lascado. A fúria assentava-lhe tão bem como o seu fato preto justíssimo.

— Isto vai sair-te muito caro, Leonardo. Tenho um calendário preenchido para os próximos dias, mas vou arranjar maneira de conversar com os teus apoiantes. O que pensas que vão achar quando lhes disser que não posso baixar os meus padrões ao desfilar na passarela com os teus vestidos? Inferiores como são.

— Não podes fazer isso, Pandora. — O pânico estava presente em cada palavra, um pânico que Eve estava certa de ser para a ruiva cintilante como uma dose para um toxicodependente. — Vai-me arruinar. Investe tudo neste desfile. Tempo, dinheiro...

— Não é uma pena não teres pensado nisso antes de teres apanhado este pedacinho de cotão umbilical? — Pandora semicerrou os olhos. — Penso que consigo almoçar com alguns dos homens do dinheiro até ao fim da semana. Tens alguns dias, querido, para decidir como queres fazer. Ou te livras do brinquedo novo, ou pagas as consequências. Sabes onde me encontrar.

Saiu com o deslize exagerado de uma modelo, e culminou a saída ao bater com a porta.

— Merda. — Leonardo afundou-se na cadeira e cobriu a cara com as mãos. — O *timing* dela é perfeito, como sempre.

— Não. Não a deixes fazer-te isto. Fazer-nos isto. — Quase em lágrimas, Mavis agachou-se à frente dele. — Não a podes deixar controlar a tua vida ou chantagear-te. — Inspirada, Mavis levantou-se. — É chantagem, não é Dallas? Vai já prendê-la!

Eve tinha acabado de abotoar a camisa.

— Fofa, não a posso prender por dizer que não vai vestir as roupas dele. Posso prendê-la por agressão, mas ela estaria cá fora antes que lhe fechasse a porta.

— Mas é chantagem. Tudo o que o Leonardo tem está investido no desfile. Sem ele, vai perder tudo.

— Lamento. A sério. Só que não é uma questão de polícia ou de segurança. — Passou as mãos pelo cabelo. — Ouve, ela estava alterada e chateada. Drogada com alguma coisa, pelo aspecto dos olhos. O mais certo é que se venha a acalmar.

— Não. — Leonardo sentou-se na cadeira. — Ela vai querer fazer-me pagar. Eve, deves ter percebido que fomos amantes. As coisas estavam a arrefecer entre nós. Ela tinha estado fora do planeta, e pensei que a nossa relação pessoal tivesse acabado. Depois conheci a Mavis. — As suas mãos encontraram as dela, apertadas. — E soube que estava acabado. Falei com a Pandora, disse-lhe. Ou tentei fazê-lo.

— Visto que a Dallas não pode ajudar, só há uma coisa a fazer. — O queixo de Mavis estremeceu. — Tens de voltar para ela. É a única maneira. — Acrescentou antes que Leonardo pudesse falar. — Não nos veremos, pelo menos até ao desfile. Talvez aí possamos retomar as coisas. Não a podes deixar ir ter com os teus apoiantes e falar mal dos teus vestidos.

— Achas que posso fazer isso? Estar com ela? Tocar-lhe depois disto? Depois de ti? — Levantou-se. — Mavis, eu amo-te.

— Oh! — Os olhos de Mavis encheram e transbordaram. — Oh Leonardo. Agora não. Amo-te demasiado para suportar que ela te arruíne. Vou-me embora. Para te salvar.

Saiu disparada, deixando Leonardo a olhar.

— Estou encurralado. Aquela cabra rancorosa. Pode tirar-me tudo. A mulher que amo, o meu trabalho, tudo. Era capaz de a matar por colocar aquele olhar nos olhos de Mavis. — Respirou fundo, olhou para as suas mãos. — Um homem pode ser sugado pela beleza e não ver o que jaz por baixo.

— Aquilo que ela vai dizer àquelas pessoas importa assim tanto? Não te teriam apoiado se não acreditassem no teu trabalho.

— Pandora é uma das modelos mais importantes do planeta. Tem poder, prestígio, conhecimentos. Um quantas palavras dela nos ouvidos certos podem fazer ou acabar com um homem na minha posição. — Er-

gheu a mão em direcção a uma imagem de rede e pedras, penduradas a seu lado. — Se ela espalhar a notícia de que os meus vestidos são de qualidade inferior, as vendas previstas vão cair. Ela sabe exactamente como o fazer. Toda a minha vida trabalhei para este desfile. Ela sabe disso e também sabe como tirá-lo de mim. E não vai acabar por aí.

A mão de Leonardo caiu para o lado.

— A Mavis ainda não percebe isso. A Pandora pode ficar com esse raio laser no meu pescoço para o resto da minha carreira profissional... ou da dela. Nunca me livrarei dela, tenente, até ela decidir que não quer mais nada comigo.

Quando chegou a casa, Eve estava exausta. Uma sessão adicional de lágrimas e recriminações de Mavis tinha acabado com as suas energias. Por agora, pelo menos, Mavis estava confortável com um balde de gelo e várias horas de filmes no antigo apartamento de Eve.

Ao querer esquecer a moda e todas as agitações emocionais, Eve foi direita ao quarto e caiu de cara na cama. O gato, Galahad, pulou para o lado dela, a ronronar incessantemente. Depois de algumas cabeçadas não provocarem qualquer reacção, Galahad aninhou-se para dormir. Quando Roarke encontrou Eve, esta não tinha mexido um músculo.

— Então, como correu a tua folga?

— Odeio ir às compras.

— Ainda não desenvolveste o jeito para a coisa.

— Quem é que quer desenvolver? — Intrigada, revirou-se e examinou-o. — Tu gostas disso. Gostas mesmo de comprar coisas.

— Claro. — Roarke esticou-se ao lado dela, acariciando o gato, que se dirigia para o seu peito. — A satisfação é quase igual à de possuir coisas. Ser pobre, tenente, é simplesmente uma porcária.

Eve pensou sobre o assunto. Como, outrora, tinha sido pobre, não podia discordar.

— De qualquer modo, acho que tratei da pior parte.

— Foi rápido. — E a rapidez preocupava-o um pouco. — Sabes, Eve, não tens de te contentar com qualquer coisa.

— Por acaso, acho que o Leonardo e eu chegámos a um consenso. — Eve olhava através da janela do tecto, estava a mirar o céu, da cor de lixívia, com um rosto preocupado. — A Mavis está apaixonada por ele.

— Pois... — De olhos semi-cerrados, Roarke continuou a afagar o gato e pensou em direccionar o gesto para Eve.

— Não, estou a falar de algo sério. — Soltou um grande suspiro. — O dia não correu exactamente da melhor maneira.

Roarke tinha a mente ocupada com os números de três grandes negócios. Colocando-os de lado, aproximou-se de Eve.

— Fala-me sobre isso.

— Leonardo... Não sei. É um acontecimento grande e estranhamente atraente... Palpita-me que com uma grande costela indígena. Tem uma estrutura óssea e cor de um indígena, bíceps que parecem torpedos e uma voz com um toque de magnólia. Não sou grande juíza, mas quando se sentou para desenhar, pareceu-me muito concentrado e talentoso. De qualquer modo, estava lá de pé, nua...

— Ai estavas? — perguntou Roarke num tom ligeiro, enquanto afastava o gato e se colocava em cima de Eve.

— Para as medidas — disse Eve com desprezo.

— Por favor, continua.

— Sim. A Mavis foi buscar chá...

— Que conveniente.

— E uma mulher entra por ali dentro, disparada, quase a salivar da boca. Linda... com quase um metro e oitenta, magra como um raio laser, cerca de um metro de cabelo ruivo e uma cara... bem, uso outra vez as magnólias. Ela grita-lhe, e aquele tipo, grande como um touro, acovarda-se e ela salta-me para cima. Tive de a pôr na linha.

— Bateste-lhe.

— Bem, sim, antes que fizesse fatias da minha cara com aquelas facas a que chama unhas.

— Querida Eve. — Beijou-lhe uma maçã do rosto, depois outra, depois a covinha no queixo. — O que é que há em ti que traz ao de cima o animal nas pessoas?

— Suponho que seja sorte. Então, esta tal de Pandora...

— Pandora? — Levantou a cabeça, semicerrou os olhos. — A modelo.

— Sim, parece que ela é muito importante.

Roarke começou-se a rir, um riso abafado no início que foi crescendo até este se ter virado de costas novamente.

— Esmurraste a preciosidade da Pandora na sua cara de mil milhões de dólares. Deixaste-a inconsciente?

— Por acaso. — Eve despertou, compreensivelmente, e com um pouco de ciúme inesperado. — Conhece-la.

— Pode dizer-se que sim.

— Bem.

Levantou a sobrancelha, não tanto por preocupação mas mais por

divertimento. Eve estava agora sentada a olhar para Roarke. Pela primeira vez na relação, ele sentiu um pouco de inveja no olhar de Eve.

— Houve uma altura... breve. — Coçou o queixo. — Está tudo muito vago na minha cabeça.

— Tretas.

— Pode ser que me volte a lembrar. Mas estavas a dizer?

— Existe alguma mulher, extremamente atraente, com quem ainda não tenhas dormido?

— Vou-te fazer uma lista. Então, bateste-lhe.

— Sim. — Eve lamentava agora o murro. — Começou-se a queixar, depois a Mavis entra e a Pandora atacou-a. As duas começaram a puxar os cabelos uma da outra e a arranharem-se; o Leonardo só apertava as mãos.

Roarke puxou Eve para cima dele.

— Tens uma vida tão interessante.

— A terminar, a Pandora ameaça o Leonardo: ou ele a escolhe em vez da Mavis, ou arruína o desfile com que ele está a contar. Pelos vistos, ele investiu tudo no desfile, até pediu dinheiro emprestado a agiotas. Ela rejeita o desfile e arruína-o.

— Parece típico dela.

— Depois de a Pandora sair, a Mavis...

— Ainda estavas nua?

— Estava a vestir-me. A Mavis decide fazer o derradeiro sacrifício. Foi uma coisa bastante dramática. O Leonardo declarou o seu amor, ela começou a chorar e fugiu. Senti-me como um pervertido com binóculos. Pus a Mavis no meu antigo apartamento, pelo menos por hoje. Ela só tem de ir ao clube amanhã.

— Não percam — disse Roarke e sorriu perante o olhar ignorante de Eve — os velhos dramas diurnos. Terminam sempre num momento de *suspense*. O que irá o nosso herói fazer agora?

— Grande herói — disse Eve. — Porra, gosto dele, mesmo sendo ele um mariquinhas. O que ele gostava de fazer era partir a cabeça da Pandora, mas o mais certo é ceder. Pelo que pensei que talvez pudéssemos acomodar a Mavis aqui, se ela precisar.

— Claro.

— A sério?

— Isto é, como várias vezes mencionaste, uma casa grande. Simpatizo com a Mavis.

— Eu sei. — Eve deu-lhe um dos seus rápidos e raros sorrisos. — Obrigada. E então, como foi o teu dia?

— Comprei um pequeno planeta. Estou a brincar — disse, quando

Eve ficou boquiaberta. — No entanto, concluí as negociações de um concelho agrícola em Taurus Cinco.

— Agrícola?

— As pessoas precisam de comer. Com alguma reestruturação, o concelho pode ser capaz de fornecer grão às colónias fabricantes em Marte, onde tenho um investimento considerável. Por isso, uma mão lava a outra.

— Imagino. Mas sobre a Pandora...

Roarke virou Eve e tirou-lhe a camisa, que já tinha desapertado, dos ombros.

— Não me estás a distrair — disse-lhe. — Quão breve significa breve neste caso?

Roarke encolheu os ombros de maneira indistinta e começou a abrir caminho ao morder Eve, desde a boca até ao pescoço.

— É uma noite, uma semana... — O corpo de Eve começou a escaldar quando Roarke fechou a boca sobre o seu seio. — Um mês... Agora sim, estás a distrair-me.

— Consigo fazer melhor — prometeu. E fez.

Uma visita à morgue era uma péssima maneira de começar o dia. Eve caminhava a passos largos pelos corredores silenciosos, tentando não ficar incomodada por ser chamada para ver um corpo às seis da manhã.

Pior, o corpo tinha estado a flutuar.

Parou à entrada, segurou o distintivo para a câmara de segurança, esperou que o seu número de identificação fosse verificado e aprovado.

Lá dentro, um só técnico esperava perto de uma parede de gavetas frigoríficas. A maioria devia estar ocupada, pensou. O Verão era sempre uma altura popular para se morrer.

— Tenente Dallas.

— Exacto. Tem um para mim.

— Acabou de chegar. — Com a alegria descuidada da sua profissão, o técnico aproximou-se de uma gaveta, codificada para visionamento. A fechadura e o sistema de refrigeração apitaram e a gaveta, com o seu ocupante, deslizou para fora, envolto num pequeno nevoeiro gélido. — A agente no local reconheceu-o como um dos seus.

— Sim. — Como precaução, Eve respirava pela boca. Ver a morte e a violência não era novidade para ela. No entanto, sentia dificuldade em explicar o porquê de achar mais fácil analisar um corpo no sítio onde este caíra. Aqui, no límpido e quase imaculado ambiente da morgue, era mais obscuro.

— Johannsen, Carter. Também conhecido por Boomer. Última morada conhecida, o apartamento em Beacon. Ladrão, informador profissional, traficante de droga ocasional, e um desperdício de ser humano. — Eve suspirou ao analisar o que restava dele.

— Que raio é que eles te fizeram, Boomer?

— Um instrumento embotado — disse o técnico, ao levar a questão de Eve a sério. — Possivelmente um cano ou um taco fino. Teremos de acabar os testes. Houve muita força por trás dos golpes. No máximo, só passou umas horas no rio, as contusões e as lacerações são evidentes.

Eve abstraiu-se, deixando-o a falar sozinho. Conseguia ver por si mesma.

Boomer nunca tinha sido muito bonito, mas deixaram muito pouco da sua cara. Tinha sido espancado, o nariz estava esmagado, a boca cheia de cortes e de inchaços. As marcas na garganta indicavam estrangulamento, o que também era sugerido pelos vasos sanguíneos destruídos que cobriam o que lhe restava do rosto.

O tronco estava roxo, e pela maneira que o corpo se encontrava, Eve pensou que o braço estivesse feito em bocados. O dedo que faltava da mão esquerda era uma antiga ferida de guerra, da qual, lembrava-se Eve, Boomer se orgulhava bastante.

Alguém forte, furioso e determinado tinha chegado até ao pobre e patético Boomer.

E assim, naquele breve período de flutuação, tinha dormido com os peixinhos.

— A agente identificou as impressões digitais parciais que ele tinha deixado para identificação, a tenente confirmou com a identificação visual.

— Sim. Envie-me uma cópia do relatório da autópsia. — Virou-se para ir embora. — Qual foi a agente que me relacionou com o caso?

O técnico tirou a agenda, premiu as teclas.

— Peabody, Delia.

— Peabody. — Pela primeira vez, Eve esboçou um sorriso. — Ela sabe desenrascar-se. Se alguém perguntar por ele, quero ser informada.

A caminho da Central da Polícia, Eve contactou Peabody. O rosto calmo e sério da agente apareceu no ecrã.

— Dallas.

— Sim, tenente.

— Pescaste o Johannsen.

— Minha tenente. Estou a preencher o meu relatório agora mesmo. Posso enviar-lhe uma cópia.

— Agradeço. Como é que o identificaste?

— Tinha um identificador portátil no meu estojo, minha tenente.

Analisei as impressões digitais. Os dedos estavam bastante danificados, por isso apenas consegui impressões parciais, mas indicavam ser o Johanssen. Tinha ouvido dizer que era um dos seus informadores.

— Sim, era. Bom trabalho, Peabody.

— Obrigada, minha tenente.

— Peabody, estás interessada em assistir à investigação deste caso?

Peabody perdeu o controlo durante tempo suficiente para mostrar o brilho nos olhos.

— Sim, minha tenente. É a investigadora principal?

— Ele era meu — disse Eve simplesmente. — Vou esclarecer a situação. No meu escritório, Peabody. Dentro de uma hora.

— Sim, minha tenente. Obrigada.

— Dallas — disse Eve. — Só Dallas. — Mas Peabody já tinha fechado a ligação.

Eve zangou-se com o tempo, reclamou do trânsito e desviou-se três quarteirões até um café *drive-in*. O café era ligeiramente menos nojento que o da Central da Polícia. Estimulada por isso e por algo que devia ser um bolo, estacionou o veículo e preparou-se para se apresentar ao comandante.

Enquanto subia num elevador patético, sentia as suas costas a endurecerem. Dizer a si mesma que era pena, que já devia ter passado, não pareceu fazer diferença. O ressentimento e a mágoa de um caso passado não iriam desaparecer por completo.

Entrou no átrio da administração com as consolas ocupadas, paredes escuras e alcatifa gasta. Comunicou a sua chegada na recepção do comandante Whitney, sendo-lhe pedido que aguardasse por uma aborrecida voz de um dróide de escritório.

Permaneceu onde estava, em vez de andar de um lado para o outro para olhar pela janela ou para passar o tempo com uma das velhas disquetes de revistas. Todas as emissões de notícias por trás dela estavam no modo silencioso, não lhe interessando de qualquer modo.

Umhas semanas antes, tinha tido mais do que a sua dose de notícias. Pensou que, pelo menos, alguém como Boomer não geraria grande mediatismo. A morte de um informador não dava audiências.

— O comandante Whitney pode atendê-la agora, Dallas, tenente Eve.

Abriam-lhe as portas de segurança e virou à esquerda para o escritório de Whitney.

— Tenente.

— Comandante. Obrigada por me receber.
— Sente-se.
— Não, obrigada. Não lhe tomarei muito tempo. Identifiquei agora mesmo um desconhecido na morgue. Era Carter Johannsen. Um dos meus informadores.

Sendo um homem imponente de cara dura e olhos cansados, Whitney recostou-se na sua cadeira.

— Boomer? Ele costumava armadilhar explosivos para ladrões de rua. Estoirou o indicador direito.

— Esquerdo — corrigiu Eve —, meu Comandante.

— Esquerdo. — Whitney cruzou as mãos na secretária e examinou-a. Tinha cometido um erro com Eve, num caso em que fora pessoalmente afectado. Percebeu que ela ainda não ultrapassara a situação. Possuía a sua obediência e respeito, mas a amizade nebulosa que poderia ter existido entre ambos tinha desaparecido.

— Depreendo que tenha sido um homicídio.

— Ainda não recebi o relatório da autópsia, mas parece que a vítima foi espancada e estrangulada antes de ser atirada ao rio. Gostava de prosseguir o assunto.

— Estava a trabalhar com ele nalguma investigação em curso?

— Nada a decorrer, meu comandante. Ele fornecia, ocasionalmente, alguma informação aos Narcóticos. Preciso de descobrir com quem ele estava a trabalhar nesse departamento.

Whitney acenou.

— A sua carga de trabalho de momento, tenente?

— Suportável.

— O que significa que está sobrecarregada. — Levantou os dedos, baixou-os novamente. — Dallas, pessoas como o Johannsen procuram o desastre, e geralmente encontram-no. Ambos sabemos que a taxa de homicídio aumenta neste tipo de situações. Não posso desperdiçar uma das minhas melhores investigadoras neste tipo de caso.

Eve compôs-se.

— Ele era meu. Fosse o que fosse para além disso, comandante, ele era meu.

A lealdade, pensou Whitney, era uma das qualidades que a tornavam numa das suas melhores agentes.

— Pode investigar durante vinte e quatro horas — disse-lhe. — Mantenha o caso aberto, nos seus ficheiros, durante setenta e duas. Depois disso, tenho de transferi-lo para um investigador secundário.

Era o que ela esperava.

— Gostaria de ter a agente Peabody comigo.

Whitney olhou para ela de maneira sinistra.

— Quer que aprove um assistente para um caso destes?

— Quero a Peabody — respondeu Eve sem vacilar. — Já mostrou ser excepcional no terreno. Ela quer ser detective. Acredito que lá chegará rapidamente com algum treino prático.

— Pode tê-la durante três dias. Se algo mais importante surgir, estão ambas fora do caso.

— Sim, meu comandante.

— Dallas — começou, quando Eve se preparava para sair. Engoliu o orgulho. — Eve... Ainda não tive oportunidade de te dar, pessoalmente, os parabéns pelo teu casamento iminente.

Os olhos de Eve ficaram repletos de surpresa antes que os pudesse controlar.

— Obrigada.

— Espero que sejas feliz.

— Também eu.

Algo desconcertada, percorreu o labirinto da Central da Polícia até ao seu escritório. Tinha outro favor a cobrar. Ao querer privacidade, fechou a porta antes de iniciar a sua teleligação.

— Feeney, capitão Ryan. Divisão de Detecção Electrónica.

Eve ficou aliviada quando viu a cara enrugada de Feeney no ecrã.

— Entraste cedo, Feeney.

— Nem tive tempo para a merda do pequeno-almoço. — Disse num tom desolado, com a boca cheia com um folhado. — Um dos terminais tem uma fuga, e só eu é que a consigo reparar.

— Ser indispensável é um trabalho árduo. Podes fazer uma procura por mim... não oficial?

— O meu tipo preferido. Diz.

— Alguém matou o Boomer.

— Lamento saber. — Deu outra dentada no folhado. — Ele era um merdas, mas geralmente não falhava. Quando?

— Não tenho a certeza; foi pescado do East River hoje de manhã. Sei que ele, de vez em quando, informava alguém dos Narcóticos. Podes descobrir-me quem?

— Estabelecer ligações entre informadores e os seus supervisores é trabalho complicado, Dallas. Tens de estar bem ciente da segurança em relação a isso.

— Sim ou não, Feeney?

— Posso fazê-lo, posso fazê-lo — repetiu —, mas que ninguém saiba que fui eu. Os bófiás odeiam que se vasculhe os seus ficheiros.

— A quem o dizes. Agradeço, Feeney. Quem quer que o tenha mor-

to, foi impiedoso. Se ele soubesse algo pelo que valesse a pena matá-lo, penso que não seria nada sobre as minhas investigações em curso.

— Então talvez fosse de outra pessoa. Eu depois digo-te qualquer coisa.

Eve afastou-se do ecrã em branco e tentou desanuviar a mente. Veio-lhe à memória a cara espancada de Boomer. Um cano, ou talvez um taco, pensou. Mas punhos, também. Ela sabia o que os nós dos dedos faziam a um rosto. Sabia qual a sensação.

O seu pai tinha mãos grandes.

Era uma das coisas de que fingia não se lembrar. Mas sabia qual a sensação, como se sentia o impacto mesmo antes de o cérebro registar a dor.

O que teria sido pior? As sovas ou as violações? Na sua mente estavam ambas tão misturadas, no passado.

Aquele ângulo estranho do braço de Boomer. Partido, pensou, e deslocado. Eve lembrava-se, vagamente, do som frágil de um osso ao partir, a náusea que superava a agonia, o gemido agudo, substituto de gritos, enquanto uma mão cobria a boca.

Os suores frios e a angústia aterrorizante de saber que aqueles punhos voltariam até morrer. Até suplicar a Deus para que a morte chegasse.

O bater da porta fez com que saltasse, que engolisse um grito. Pelo vidro viu Peabody, de farda engomada, ombros direitos.

Eve passou a mão pela boca para se acalmar. Era altura de ir trabalhar.

O apartamento de Boomer não era dos piores. O edifício fora, outrora, um motel barato, pago à hora, que servia para prostitutas de orçamento reduzido, antes do licenciamento e legalização da prostituição. Tinha quatro andares, e nunca ninguém se tinha dado ao trabalho de instalar um elevador ou um desliza. Tinha, no entanto, um átrio sombrio e a segurança dúbia de uma dróide de cara mal-humorada.

Pelo cheiro, o departamento de saúde tinha recentemente ordenado o extermínio de roedores e insectos.

A dróide tinha um tique no olho direito devido a um chip defeituoso, mas focou o olho bom no distintivo de Eve.

— Estamos dentro da regulamentação. — Afirmou, por trás do vidro enublado de segurança. — Não temos chatices aqui.

— Johannsen. — Eve guardou o distintivo. — Alguém o visitou ultimamente?

O olho da dróide parou e virou.

— Não estou programada para controlar as visitas, apenas para receber rendas e preservar a ordem.

— Posso confiscar-te as disquetes de memória e vasculhá-las.

A dróide não disse nada, mas um leve som indicava que estava a procurar no seu próprio disco.

— Johannsen, quarto 3C, não regressa há oito horas, vinte e oito minutos. Saiu sozinho. Não teve visitas nas últimas duas semanas.

— Comunicações?

— Não usa o nosso sistema de comunicações. Tem um próprio.

— Vamos dar uma vista de olhos pelo quarto dele.

— Terceiro andar, segunda porta à esquerda. Não assustem os outros inquilinos. Não temos chatices aqui.

— Sim, é um paraíso. — Eve subiu as escadas, reparando na madeira carcomida. — Grava, Peabody.

— Sim, tenente. — Respeitosamente, Peabody prendeu o gravador à camisa. — Se ele estava aqui há cerca de oito horas, não durou muito depois de sair. Provavelmente não mais do que umas quantas horas.

— Tempo suficiente para ser espancado até à morte. — Eve examinou as paredes de maneira despreocupada. Estavam escritos diversos convites ilegais e sugestões anatomicamente duvidosas. Um dos autores tinha

uma deficiência a soletrar, trocando, consistentemente, o S por um C em foda-se.

Ainda assim, a mensagem era bastante clara.

— Sítio acolhedor, não é?

— Lembra-me a casa da minha avozinha.

À porta do 3C, Eve olhou para trás.

— Peabody, acho que fizeste uma piada.

Enquanto Eve se ria e puxava do seu código mestre, Peabody corou imenso. Já estava recomposta quando as fechaduras se abriram.

— Trancou-se bem lá dentro, não trancou? — disse Eve aquando da abertura da última das três Keligh-500. — E não se contentava com coisas baratas. Cada uma destas bebês custa cerca de uma semana do meu ordenado. Serviram-lhe de muito. — Suspirou. — Dallas, tenente Eve, a entrar na residência da vítima. — Empurrou a porta. — Bolas, Boomer, eras um porco.

O calor era imenso. O controlo de temperatura no apartamento consistia em abrir ou fechar a janela. Boomer tinha optado por fechá-la, tendo aprisionado o sufocante cheiro de Verão.

A sala cheirava a comida estragada, roupas bolorentas e uísque deramado. Deixando Peabody a fazer a análise inicial, Eve foi até ao centro duma divisão pouco maior do que uma caixa e abanou a cabeça.

Os lençóis na cama estreita estavam manchados com substâncias que Eve não estava interessada em analisar. Caixas de comida de *take-out* amontoavam-se ao lado da cama. Pela pequena montanha de roupa suja deixada pelos cantos, assumiu que lavar a roupa não era uma prioridade na lista de tarefas domésticas de Boomer. Os seus pés colavam-se ao chão, fazendo sons de sucção à medida que vagueava pelo quarto.

No seu próprio interesse, empurrou a única janela, para a abrir. Os sons do trânsito aéreo e de rua inundavam o apartamento.

— Que casa, meu Deus. Ele não ganhava mal como informador. Nem pensar que tinha de viver assim.

— Ele devia querer isto.

— Sim. — Eve, ao enrugando o nariz, abriu lentamente uma porta e estudou a casa de banho. Havia uma sanita de aço, imaculada, um lavatório e um apoio para o chuveiro devido à desvantagem de altura. O fedor deu-lhe a volta ao estômago.

— Pior que um cadáver com três dias. — Ao respirar pela boca, voltou-se. — Era aqui que ele guardava o dinheiro.

Concordando com ela, Peabody juntou-se a Eve num balcão robusto. Neste estavam um centro de dados e comunicações de custo elevado. Junto à parede, em cima, estava um ecrã e uma prateleira cheia de disquetes. Eve escolheu uma aleatoriamente e leu o título.

— O Boomer interessava-se por cultura. Super Seios das Saloias Sol-tinhas.

— Esse ganhou o Óscar no ano passado.

Eve rezou e atirou a disquete de volta.

— Boa, Peabody. Mantém esse bom humor porque vamos ter de ver esta merda toda. Empacota as disquetes, regista os números e os rótulos. Vamos analisá-las na Central da Polícia.

Eve iniciou a teleligação e procurou por alguma chamada que Boomer tivesse gravado. Passou por encomendas de comida, uma sessão com uma prostituta que lhe tinha custado cinco mil. Havia duas chamadas de um suspeito de tráfico de drogas, mas os homens tinham falado apenas de desporto, especialmente sobre basebol e sobre a arena de combate. Com alguma curiosidade, reparou que o seu número de escritório estava registado duas vezes nas últimas trinta horas, mas não deixou mensagem.

— Ele estava a tentar entrar em contacto comigo — disse. — Desligou sem deixar mensagem. Não era habitual. — Tirou a disquete e entregou-a a Peabody para a juntar às provas.

— Não há nada que indique que estava assustado ou preocupado, tenente.

— Não, ele era um verdadeiro informador. Se pensasse que alguém lhe ia cair em cima, teria acampado à minha porta. Bem, Peabody, espero que as tuas imunizações estejam actualizadas. Vamos começar a vasculhar esta confusão.

Quando acabaram, estavam imundas, suadas e enojadas. Por ordem directa de Eve, Peabody alargou o colarinho da sua farda e arregaçou as mangas. No entanto, suor escorria-lhe da cara e encaracolava o seu cabelo.

— Pensava que os meus irmãos eram porcos.

Eve passou ao lado de roupa interior suja.

— Quantos tens?

— Dois. E uma irmã.

— São quatro?

— Os meus pais eram seguidores da Idade Livre, minha tenente — explicou Peabody em tom de desculpa e de vergonha. — Gostavam muito da vivência rural e de reprodução.

— Continuas a surpreender-me, Peabody. Uma urbanita rígida a descender de adeptos da Idade Livre. Porque é que não estás a cultivar alfafa, a tecer tapetes e a criar uma ninhada?

— Gosto de dar porrada. Minha tenente.

— Boa razão. — Eve tinha deixado o que considerava pior para último. Com uma repugnância visível, analisou a cama. A ideia de parasitas corporais vinha-lhe à cabeça.

— Temos de tratar do colchão.

Peabody engoliu com dificuldade.

— Sim, minha tenente.

— Não sei quanto a ti, Peabody, mas eu vou direitinha para uma câmara de descontaminação assim que estivermos despachadas daqui.

— Estarei mesmo atrás de si, tenente.

— Pronto. Vamos a isto.

Os lençóis foram primeiro. Não tinham mais que nódoas e odores. Eve deixá-los-ia para a brigada de limpeza analisar, mas já tinha colocado de parte a hipótese de Boomer ter sido assassinado no seu próprio apartamento.

Ainda assim, foi minuciosa, sacudi a almofada, apalpou a espuma. Ao sinal de Eve, Peabody levantou uma ponta do colchão e ela a outra. Era pesado que nem uma pedra, e viraram-no a resmungar.

— Talvez Deus exista — disse Eve.

Colados ao fundo do colchão estavam dois pequenos pacotes. Um estava repleto de pó azul pálido, o outro continha uma disquete selada. Abriu ambos. Suprimindo a vontade de libertar o pó, analisou a disquete. Não tinha rótulo, mas ao contrário das outras, tinha sido cuidadosamente guardada para a manter livre de sujidade.

Normalmente, tê-la-ia visto imediatamente no dispositivo de Boomer. Conseguia aguentar o fedor, o suor e até a sujidade. Mas não pensava conseguir aguentar mais um minuto a ponderar que parasitas microscópicos lhe subiam pela pele.

— Vamos sair daqui.

Esperou até que Peabody transportasse a caixa das provas até ao átrio. Com um último olhar para o meio em que o seu homem tinha vivido, Eve fechou a porta, selou-a e deixou a luz vermelha de segurança policial a piscar.

A descontaminação não era dolorosa, mas não era particularmente agradável. Tinha a vantagem de ser bastante curta. Eve sentou-se com Peabody, ambas totalmente despidas, numa câmara de dois lugares com paredes curvadas que reflectiam a luz branca quente.

— Mas é um calor seco — afirmou Peabody, pondo Eve a rir.

— Sempre pensei que o Inferno seria como isto. — Fechou os olhos,

ordenou a si mesma que descontraísse. Não se considerava claustrofóbica, mas espaços fechados faziam-lhe confusão. — Sabes, Peabody, usava o Boomer há cerca de cinco anos. Ele não era propriamente um homem de luxos, mas não o imaginava a viver assim. — Ainda tinha o cheiro nas narinas. — Ele era asseado. Diz-me o que viste na casa de banho.

— Sujidade, bolor, porcaria, toalhas que não tinham sido lavadas. Duas barras de sabão, uma por abrir, meio tubo de champô, pasta dos dentes, uma escova de dentes ultra-sónica e uma máquina de barbear. Um pente partido.

— Utensílios de beleza. Ele mantinha-se em forma, Peabody. Até se gostava de considerar um engatão. O meu palpite é que a brigada de limpeza me vai dizer que a comida, as roupas e o lixo têm duas, talvez três semanas. O que é que isso te diz?

— Que ele estava escondido... preocupado, assustado, ou envolvido o suficiente para não se preocupar com essas coisas.

— Exacto. Não desesperado o suficiente para vir ter comigo, mas preocupado o suficiente para esconder umas quantas coisas debaixo do colchão.

— Onde ninguém se lembraria de as procurar — disse Peabody de maneira fria.

— Ele não era muito inteligente em relação a certas coisas. Tens algum palpite em relação à substância?

— Uma droga.

— Nunca vi uma droga daquela cor... Algo novo — considerou Eve. A luz diminuiu para cinzento e um apito tocou. — Parece que estamos prontas. Vamos procurar roupas limpas e ver aquela disquete.

— O que raio é isto? — Barafustou Eve com o monitor. De maneira inconsciente, começou a brincar com o diamante pesado que trazia à volta do pescoço.

— Uma fórmula?

— Isso consigo eu ver, Peabody.

— Sim, minha tenente. — Sentindo-se punida, Peabody retraiu-se.

— Merda, odeio ciência. — Esperançada, Eve olhou por cima do ombro. — És boa nisto?

— Não, minha tenente. Nem sequer competente.

Eve estudou a combinação de números, algarismos e símbolos, ficando atónita com o que via.

— O meu dispositivo não está programado para esta porcaria. Vai

ter de ir para o laboratório para ser analisado. — Impaciente, bateu com os dedos na secretária. — Palpita-me que é a fórmula do pó que encontramos, mas como raio é que um tipo de segunda linha como o Boomer obteria isso? E quem era o seu outro supervisor? Tu sabias que ele era um dos meus, Peabody. Como?

De maneira envergonhada, Peabody olhou por cima do ombro de Eve para os números no ecrã.

— A Tenente mencionou-o em diversos relatórios intradepartamentais e em casos fechados.

— E a agente tem o hábito de ler relatórios intradepartamentais?

— Os seus, minha tenente.

— Porquê?

— Porque a tenente é a melhor.

— Estás a dar-me graxa, Peabody, ou estás a candidatar-te ao meu cargo?

— Haverá espaço suficiente quando a Tenente for promovida a capitão.

— O que te leva a pensar que quero a capitania?

— Seria estúpida se não o quisesse, e a tenente não o é. Estúpida, minha tenente.

— Deixemos isso de lado, por agora. Analisas outros relatórios?

— De vez em quando.

— Fazes ideia de quem seria o supervisor do Boomer nos Narcóticos?

— Não, minha tenente. Nunca vi o nome dele associado a outro polícia. A maior parte dos informadores só têm um supervisor.

— O Boomer gostava de diversificar. Vamos para a rua. Vamos espreitar os paradiros habituais dele, ver o que descobrimos. Só temos alguns dias para tratar disto, Peabody. Se tiveres alguém a aquecer-te a cama, diz-lhe que vais estar ocupada.

— Não sou comprometida, minha tenente. Não tenho problemas em fazer horas extra.

— Ótimo. — Eve levantou-se. — Então apronta-te. E, Peabody, nós já estivemos nuas uma com a outra. Deixa-te de “minha tenente”, sim? Trata-me por Dallas.

— Sim, minha tenente.

Já passava das três da manhã quando Eve tropeçou no gato, que tinha decidido guardar o átrio de entrada, praguejou e dirigiu-se para as escadas.

Eve tinha a sua mente dividida por inúmeros pensamentos: pelos bares sombrios, pelos clubes de strip, pelas ruas nebulosas onde companhias

de segunda categoria ofereciam os seus préstimos. Tudo isso desaguava naquilo que era a pouco apelativa vida de Boomer Johannsen.

Ninguém sabia de nada, obviamente. Ninguém tinha visto nada. A única declaração corroborante com que se tinha deparado na sua travessia pelo lado sórdido da cidade, era a de que ninguém punha a vista em cima de Boomer há cerca de uma semana, talvez mais.

Mas alguém tinha posto muito mais do que a vista em cima dele. Eve estava a ficar sem tempo para descobrir quem e porquê.

As luzes do quarto estavam ténues. Já tinha despido e atirado a camisa para o lado quando reparou que a cama estava vazia. Sentiu um pouco de decepção, uma sensação ligeira e desconfortável de pânico.

Pensou que Roarke tivera de sair. Estaria agora mesmo a caminho de uma qualquer parte imaginável do universo colonizado. Poderia estar ausente durante dias.

Ao olhar fixamente para a cama, descalçou os sapatos e tirou as calças. Ao apalpar uma gaveta, tirou uma camisola interior de algodão e enfiou-a por cima da cabeça.

Meu Deus, como ela era patética, a lamuriar-se porque Roarke tivera de tratar de negócios. Porque ele não estava lá para se aninhar nele. Porque não estava lá para a proteger dos pesadelos que a afligiam com frequência e intensidade cada vez maiores, à medida que as memórias do passado a inundavam.

Estava demasiado cansada para sonhar, disse a si mesma. Demasiado ocupada para ficar a remoer. E forte o suficiente para não se lembrar de nada de que não se quisesse lembrar.

Virou-se, com a intenção de ir dormir para o escritório no andar de cima, quando a porta se abriu. Uma sensação de alívio apoderou-se dela, como se de vergonha se tratasse.

— Pensei que tivesses saído.

— Estava a trabalhar. — Roarke dirigiu-se até Eve. Na luz ténue, a camisa preta de Roarke contrastava fortemente com o branco da de Eve. Levantou-lhe o queixo e olhou-a nos olhos. — Tenente, porque é que corre sempre até cair?

— Tenho um prazo para este. — Talvez estivesse demasiado cansada, ou talvez o amor começasse a ser mais fácil, mas levou as mãos à cara de Roarke. — Estou terrivelmente contente por estares aqui. — Quando Roarke pegou nela e a levou até à cama, Eve sorriu. — Não foi isso que quis dizer.

— Estou a aconchegar-te, e vais dormir.

Era difícil discutir quando os seus olhos já estavam a fechar.

— Recebeste a minha mensagem?

— Aquela muito elaborada que dizia: “Vou chegar tarde”? Sim. — Beijou-lhe a testa. — Desliga.

— Já vai. — Debateu-se com os limites do sono. — Só tive uns minutos para falar com a Mavis. Quer ficar onde está por mais alguns dias. Ela também não vai ao Blue Squirrel. Ela ligou e descobriu que o Leonardo a tinha ido lá procurar uma dúzia de vezes.

— O caminho do amor genuíno.

— Mmm. Vou tentar tirar uma hora, amanhã, para a ir ver, mas talvez só consiga lá ir depois de amanhã.

— Ela vai ficar bem. Posso passar por lá, se quiseres.

— Obrigada, mas ela não falaria contigo sobre isso. Trato disso assim que descobrir no que é que o Boomer estava metido. Eu sei bem que ele não conseguiria ler aquela disquete.

— Claro que não. — Roarke tranquilizou-a, na esperança de a fazer adormecer.

— Não que ele não fosse bom com números. A nível monetário. Mas fórmulas científicas... — Levantou-se de repente, quase partindo o nariz de Roarke com a cabeça. — O teu dispositivo há-de conseguir.

— Ai, sim?

— Estão a empatar-me no laboratório. Andam atulhados, o caso é de prioridade mínima. Não tem qualquer prioridade — acrescentou ao lutar para sair da cama. — Preciso de uma pista. O teu dispositivo sem licença tem capacidade de análise científica, não tem?

— Claro. — Suspirou e levantou-se. — Suponho que agora?

— Podemos aceder aos dados a partir do meu dispositivo do escritório. — Ao agarrar a mão de Roarke, puxou-o para o painel falso que escondia o elevador. — Não demora muito.

Informou-o dos detalhes essenciais enquanto subiam. Quando Roarke inseriu o código para aceder ao quarto privado, já Eve estava bem desperta e acelerada.

O equipamento era elaborado, sem licença, e, claro, ilegal. Como Roarke, Eve usou o painel de identificação para ter acesso, dirigindo-se, de seguida, para trás da consola em forma de U.

— Consegues extrair os dados de maneira mais rápida que eu — disse Eve. — Está sob Código Dois, Amarelo, Johannsen. O meu número de acesso...

— Poupa-me. — Se se ia armar em polícia às três da manhã, não estava para ser insultado. Roarke sentou-se por trás dos comandos e introduziu alguns números manualmente. — Para a Central da Polícia — disse e sorriu quando Eve franziu o sobrolho.

— Lá se vai a segurança.

— Queres mais alguma coisa antes que me concentre no teu dispositivo?

— Não — disse de maneira firme, indo para trás de Roarke. Mexendo no teclado com uma mão, Roarke levou uma das mãos de Eve à boca, para lhe morder os nós dos dedos. — Exibicionista.

— Não teria piada se usasse o teu código. Entrei no teu dispositivo — disse Roarke, e mudou para o modo automático. — Ficheiro Código Dois, Amarelo, Johannsen. — Do outro lado do quarto, um dos ecrãs da parede piscava.

À espera.

— Prova número 34-J, visualizar e copiar — pediu Eve. Quando a fórmula apareceu, Eve abanou a cabeça. — Vês aquilo? Bem podiam ser hieróglifos antigos.

— Uma fórmula química — considerou Roarke.

— Como é que sabes?

— Fabrico algumas... legais. Isto é uma espécie de analgésico, mas não completamente. Propriedades alucinogénicas... — Fez estalidos com a língua, abanou a cabeça. — Nunca vi nada assim. Não é um padrão. Computador, analisar e identificar.

— Dizes que é uma droga — começou Eve e o computador iniciou o trabalho.

— É o mais certo.

— Isso enquadra-se na minha teoria. Mas o que é que o Boomer fazia com a fórmula e porque é que alguém o mataria por ela?

— Penso que isso dependerá do quão comercializável isto for. Quão rentável. — Roarke franziu a testa ao ecrã quando a análise começou a ganhar forma. A reprodução molecular circulava no ecrã em espirais e pontos coloridos. — Pronto, temos um estimulante orgânico, um alucinogénico químico normal, ambos em quantidades baixas e quase legais. Ah, ali estão as propriedades para a THR-50.

— Nome de rua, Zeus. Coisa perigosa.

— Hmm. Ainda assim, é pouco potente. Mas é uma mistura interessante. Ali está menta, para a tornar mais saborosa. Diria que, com algumas alterações, também poderia ser produzida em forma líquida. Misturada com um estimulante e intensificador sexual, como Brinock, nas quantidades certas, pode ser usada para curar a impotência.

— Sei o que é. Tivemos um tipo que teve uma overdose disso. Matou-se depois do que pareceu ser o recorde mundial em masturbação. Saltou da janela por frustração sexual. A pila dele estava inchada como uma salsicha de porco, com mais ou menos a mesma cor, e ainda dura como ferro.

— Obrigada por partilhares. O que é isto? — Confuso, Roarke voltou ao teclado. O computador apenas continuou a piscar a mesma mensagem.

Substância desconhecida. Provavelmente um regenerador de células. Incapaz de identificar.

— Como é que é possível? — considerou Roarke. — Tenho uma actualização automática nisto. Não há nada por aí que não consiga identificar.

— Uma substância desconhecida. Ora, ora. Talvez valha a pena matar por isso. O que é que nos pode indicar sem isso?

— Identificar com dados conhecidos — ordenou Roarke.

FÓRMULA IGUAL A ESTIMULANTE COM PROPRIEDADES ALUCINOGÊNICAS. BASE ORGÂNICA. ENTRARÁ RAPIDAMENTE NA CORRENTE SANGUÍNEA PARA AFECTAR SISTEMA NERVOSO.

— Resultados?

DADOS INSUFICIENTES.

— Porra. Resultados prováveis com dados conhecidos.

CAUSARÁ SENTIMENTOS DE EUFORIA, PARANÓIA, APETITE SEXUAL, ILUSÃO DE PODERES FÍSICOS E MENTAIS. DOSAGEM DE 55 MG NUM HUMANO NORMAL DE 60 QUILOS DURARÁ ENTRE QUATRO A SEIS HORAS. DOSAGEM SUPERIOR A 100 MG CAUSARÁ A MORTE EM 87,3 POR CENTO DOS UTILIZADORES. SUBSTÂNCIA SEMELHANTE A THR-50, TAMBÉM CONHECIDA POR ZEUS, COM ADIÇÃO DE ESTIMULANTE PARA INTENSIFICAR CAPACIDADE SEXUAL E REGENERAÇÃO DE CÉLULAS.

— Não é assim tão diferente — disse Eve — Não é assim tão importante. Já temos os produtores de droga a misturarem Zeus com Erótica. É uma combinação perigosa, à qual se deve a maioria das violações na cidade, mas não é nem secreta nem muito rentável. Não quando qualquer drogado a pode misturar no seu laboratório portátil.

— Com a excepção do desconhecido. Regeneração de células. — Franziu a testa — A lendária Fonte da Juventude.

— Qualquer pessoa com créditos suficientes pode fazer tratamentos de juventude.

— Mas são temporários. — Indicou Roarke — Tens de regressar em intervalos regulares. *Peelings* biológicos e injeções anti-envelhecimento são caras, morosas e muitas das vezes desconfortáveis. E os tratamentos comuns não têm os extras deste.

— O que quer que seja o desconhecido, faz o todo funcionar melhor, ou de maneira mais mortífera. Ou, como disseste, de maneira mais rentável.

— Tens o pó — realçou Roarke.

— Sim, e isto talvez faça com que o pessoal do laboratório mexa as peidas. Ainda assim, vai demorar demasiado tempo. Coisa que não tenho.

— Consegues arranjar-me uma amostra? — Roarke girou a cadeira e sorriu para Eve. — Não é para denegrir os vossos laboratórios de polícia, tenente, mas talvez o meu seja um pouco mais sofisticado.

— São provas.

A sobancelha de Roarke levantou.

— Roarke, sabes o quanto já ultrapassei o limite ao meter-te nisto? — Ao lembrar-se da face de Boomer, do braço, suspirou. — Que se lixe. Vou tentar.

— Ótimo. Desligar. — O computador desligou-se silenciosamente. — Agora podes ir dormir?

— Por algumas horas. — Eve permitiu que o cansaço voltasse, uniu os braços à volta do pescoço de Roarke — Vais aconchegar-me outra vez?

— Pode ser. — Pegou-lhe pelas ancas, fazendo que as pernas dela o envolvessem. — Mas desta vez, ficas onde eu te aconchegar.

— Sabes, Roarke, o meu coração treme quando ficas autoritário.

— Espera até te voltar a pôr na cama. Vai tremer bastante.

Eve riu-se, aconchegou a cabeça ao ombro de Roarke, e adormeceu antes que o elevador acabasse de descer.

Estava um escuro cerrado quando a teleligação ao lado da cabeça de Eve apitou. O polícia dentro desta emergiu primeiro, bateu no aparelho e despertou.

— Dallas.

— Dallas, ó meu Deus, Dallas. Preciso de ajuda.

A parte feminina de Eve rapidamente apanhou a sua costela de polícia, fazendo com que olhasse fixamente para a imagem de Mavis no ecrã.

— Luzes — ordenou Eve, e o quarto iluminou-se para que pudesse ver. A cara pálida, uma nódoa negra mesmo debaixo do olho, um arranhão a sangrar na maçã do rosto, o cabelo despenteado e selvagem.

— Mavis. O que se passa? Onde estás?

— Tens de vir. — A sua respiração ofegava. Os seus olhos estavam demasiado vidrados para permitir lágrimas. — Depressa. Despacha-te, por favor. Acho que ela está morta, não sei o que fazer.

Eve não voltou a perguntar sobre o paradeiro de Mavis, mas digitou a ordem para localizar a transmissão. Ao reconhecer o endereço de Leonardo, quando este piscou por baixo do rosto de Mavis, manteve a voz calma e firme.

— Fica onde estás. Não toques em nada. Estás a perceber-me? Não toques em nada e não deixes ninguém, que não eu, entrar. Mavis?

— Sim, sim. Vou fazer isso. Não deixo ninguém entrar. Depressa. É horrível.

— Estou a caminho. — Quando se voltou, já Roarke se tinha levantado e estava a vestir as calças.

— Vou contigo.

Eve não discutiu. Em apenas cinco minutos estavam na estrada a acelerar por entre os recantos mais escuros da noite. De ruas vazias passaram para o centro, constantemente inundado por turistas. Os cartazes de vídeo piscavam a oferecer produtos e prazeres. Os noctívagos na Village alongavam-se em discussões pomposas, acompanhados por minúsculas chávenas de café, de vários sabores, em estabelecimentos ao ar livre. Por fim, chegaram aos habitáculos dos artistas.

Roarke não fez mais perguntas, além das essenciais para encontrar o lugar de destino e Eve estava grata por tal. Eve conseguia ver a expressão

de Mavis na sua mente, pálida e aterrorizada. Pior, muito pior, viu a mão de Mavis, a tremer. E a mancha que a escurecia era sangue.

Um vento forte que prenunciava uma tempestade rompia pela cidade. Bateu em Eve quando esta saltou do carro de Roarke antes de ter parado por completo na curva. Percorreu os vinte e cinco metros de passeio em passo acelerado de corrida e bateu na câmara de segurança.

— Mavis. É a Dallas. Mavis, porra. — Tal era o seu estado mental que demorou dez segundos frustrantes até se aperceber que o dispositivo estava avariado.

Roarke passou pela porta sem vigilância até ao elevador, ao lado de Eve.

Quando abriu, Eve sabia que a situação era tão má quanto temera. Na visita anterior, o apartamento de Leonardo estava alegremente confuso, desorganizado de maneira colorida. Agora estava desorganizado de maneira maliciosa. Rastos longos de material destruído, mesas reviradas com os seus conteúdos partidos e espalhados.

Havia sangue, muito sangue, salpicado pelas paredes e sedas, como as pinturas de dedos de uma criança zangada e mal-comportada.

— Não toques em nada — disse vigorosamente a Roarke, por reflexo. — Mavis? — Deu dois passos em frente, depois parou com o agitar de um cortinado ondulado de tecido brilhante. Mavis atravessou-o, mantendo-se de pé, de maneira pouco firme.

— Dallas. Dallas. Graças a Deus.

— Sim. Está tudo bem. — Assim que Eve a agarrou, jorrou de alívio. O sangue não era de Mavis, embora estivesse nas suas roupas, nas suas mãos. — Estás muito ferida?

— Estou tonta, enjoada. A minha cabeça.

— Deixa-a sentar-se, Eve. — Ao agarrar o braço de Mavis, Roarke levou-a até uma cadeira. — Anda querida, senta-te. Assim mesmo. Ela está em choque, Eve. Vai-lhe buscar um cobertor. Põe a tua cabeça para trás, Mavis. É assim mesmo. Fecha os olhos e respira um pouco.

— Está frio.

— Eu sei. — Baixou-se, descobriu um pedaço rasgado de cetim brilhante e cobriu-a. — Respira fundo, Mavis. Respira bem fundo, devagar. — Olhou para Eve. — Ela precisa de cuidados médicos.

— Não posso chamar os paramédicos antes de saber qual a situação. Faz o que puderes por ela. — Com uma noção aguda do que estaria prestes a encontrar, Eve atravessou os cortinados.

Ela morrera de uma péssima maneira. Foi o cabelo que confirmou a Eve quem a mulher tinha sido, outrora. Aquela chama gloriosa e encaracolada. A cara, com a sua esplêndida e quase sinistra perfeição, tinha-se desvanecido, destruída e estropiada por golpes repetidos e cruéis.

A arma ainda ali estava, descuidadamente atirada para o lado. Eve supôs que fosse algo como uma bengala requintada, um qualquer acessório de moda que, debaixo do sangue e do terror, aparecia prateada e brilhante, com uma espessura duns três centímetros e uma pega enfeitada em forma de um lobo sorridente.

Eve já a tinha visto, enfiada num canto no local de trabalho de Leonardo, somente dois dias antes.

Não era necessário confirmar a pulsação de Pandora, mas Eve fê-lo. Depois, afastou-se, cuidadosamente, de modo a não contaminar ainda mais o local do crime.

— Meu Deus — disse Roarke por trás de Eve, pousando de seguida ambas as mãos nos ombros desta. — O que vais fazer?

— O que tiver de fazer. A Mavis não faria isto.

Roarke virou a cara de Eve para ele.

— Não tens de me dizer isso. Ela precisa de ti, Eve. Precisa de uma amiga, e vai precisar de uma boa polícia.

— Eu sei.

— Não te vai ser fácil seres ambas.

— É melhor começar. — Voltou para onde Mavis estava sentada. A face de Mavis parecia cera macia, a nódoa negra e os arranhões da cor de chumbo na sua pele branquíssima. Eve agachou-se e pegou nas mãos gélidas de Mavis.

— Preciso que me contes tudo. Leva o tempo que quiseres, mas diz-me tudo.

— Ela não se estava a mexer. Aquele sangue todo, a maneira como a cara ficou. E... ela não se mexia.

— Mavis. — Eve apertou-lhe as mãos, de maneira rápida e forte. — Olha para mim. Diz-me exactamente o que aconteceu desde que aqui chegaste.

— Eu vim... queria... pensei que devia falar com o Leonardo. — Tremeu, puxou o pedaço de material que a cobria, com as mãos ainda manchadas de sangue. — Ele estava chateado da última vez que me foi procurar à discoteca. Até ameaçou o segurança, e isso não é típico dele. Não queria que arruinasse a carreira por mim, então pensei que podia falar com ele. Cheguei, alguém tinha partido o dispositivo de segurança, por isso subi logo. A porta não estava trancada. Ele esquece-se, às vezes — disse e divagou.

— Mavis, o Leonardo estava cá?

— O Leonardo? — Atordoada com o choque, os seus olhos examinaram a sala. — Não, penso que não. Gritei, por ver tamanha confusão. Ninguém respondeu. E ali... estava ali sangue. Vi sangue. Tanto sangue. Tive

medo, Dallas, medo que talvez ele se tivesse suicidado ou coisa do género, então corri de volta para... de volta. Vi-a. Penso... Aproximei-me. Penso que sim, porque estava ajoelhada ao lado dela a tentar gritar. Não conseguia gritar. Estava convencida de que estava a gritar, e não conseguia parar. E depois acho que algo me atingiu. Penso... — De maneira vaga, levou os dedos à parte de trás da cabeça. — Dói. Mas estava tudo igual quando acordei. Ela ainda ali estava, e o sangue ainda ali estava. E chamei-te.

— Sim. Tocaste-lhe, Mavis? Tocaste em alguma coisa?

— Não me lembro. Acho que não.

— Quem te fez isso à cara?

— A Pandora.

Um súbito acesso de medo.

— Fofa, disseste-me que ela estava morta quando cá chegaste.

— Foi antes. Hoje à noite. Fui a casa dela.

Eve respirou cuidadosamente de modo a contrariar o revirar de estômago.

— Hoje foste a casa dela? Quando?

— Não sei exactamente. Talvez por volta das onze. Queria dizer-lhe que me afastaria do Leonardo, para a fazer prometer que não o arruinaria.

— Lutaste com ela?

— Ela estava pedrada com alguma coisa. Estavam lá algumas pessoas. Uma espécie de festa pequena. Ela foi má, disse-me coisas. Eu respondi. Andámos à porrada por um bocado. Bateu-me, arranhou-me. — Mavis afastou o cabelo para mostrar outras feridas ao longo do pescoço. — Separaram-nos e eu fui-me embora.

— Onde foste?

— A uns quantos bares. — Sorriu de maneira fraca. — A muitos bares, acho. A sentir pena de mim mesma. Só para passar o tempo. Depois tive a ideia de ir falar com o Leonardo.

— Quando é que cá chegaste? Sabes as horas?

— Não, tarde, muito tarde. Às três, quatro da manhã.

— Sabes onde está o Leonardo?

— Não. Não estava aqui. Queria que ele estivesse aqui, mas ela... O que é que vai acontecer?

— Vou tratar disto. Tenho de participar a ocorrência, Mavis. Se não o fizer rapidamente, vai parecer mal. Vou ter de registar tudo, e vou ter de te levar para Interrogatório.

— Para... para... Não achas que eu...

— Claro que não. — Era importante manter a voz animada, para disfarçar os seus próprios medos. — Mas vamos esclarecer tudo o mais rápido possível, o melhor possível. Deixa as preocupações comigo. Sim?

— Não consigo sentir muito do que quer que seja.
— Fica aqui sentada que vou dar início às coisas. Quero que te tentes lembrar de detalhes. Com quem é que falaste hoje à noite, onde estiveste, o que viste. Tudo o que te lembrares. Já vamos rever isso daqui a pouco.
— Dallas. — Com um pequeno calafrio, Mavis sentou-se. — O Leonardo. Ele nunca faria isso a ninguém.
— Deixa as preocupações comigo — repetiu Eve. Olhou para Roarke que, ao perceber o sinal, aproximou-se para se sentar com Mavis. Eve tirou o comunicador e afastou-se.
— Dallas. Tenho um homicídio.

A vida de Eve nunca tinha sido fácil. Na sua carreira de polícia já tinha visto e feito demasiadas coisas dignas de pesadelos para as conseguir contar a todas. Mas nada lhe tinha custado mais do que levar Mavis para Interrogatório.

— Estás-te a sentir bem? Não tens de fazer isto agora.
— Não, os paramédicos deram-me uma anestesia local. — Mavis levantou o braço, tocou no galo na parte de trás da cabeça. — Adormece-ram-no bem. Também fizeram outras coisas, despertaram-me para a realidade.

Eve estudou bem os olhos de Mavis, a cor dela. Tudo parecia normal, mas isso não acalmava o seu receio.

— Escuta, não te fazia mal nenhum dares entrada num centro médico por um ou dois dias.

— Estás só a adiar. Preferia despachar já isto. O Leonardo — disse com receio — Alguém encontrou o Leonardo?

— Ainda não. Mavis, tens direito a um advogado ou representante.

— Não tenho nada a esconder. Não a matei, Dallas.

Eve olhou para o gravador. Podia esperar só mais um minuto.

— Mavis, tenho de seguir o protocolo. Cuidadosamente. Podem-me tirar do caso se não o fizer. Se não for a investigadora principal, não há muito que possa fazer por ti.

Mavis lambeu os lábios, a sua língua rápida e sedenta.

— Vai ser complicado.

— Pode ser mesmo muito complicado. Vais ter de saber lidar com isto. Mavis tentou um sorriso, quase o conseguiu.

— Bem, nada pode ser pior do que entrar e encontrar a Pandora. Nada. Mas sim, podia, pensou Eve, mas anuiu. Ligou o gravador, disse o nome, identidade e leu, oficialmente, os direitos a Mavis. Cuidadosamente,

guiou Mavis por tudo o que já tinha analisado no local, precisando os tempos o máximo possível.

— Quando foi à casa da vítima para falar com ela, estavam presentes outras pessoas?

— Algumas. Parecia ser uma pequena festa. Estava lá o Justin Young. Sabes, o actor. Jerry Fitzgerald, a modelo. E outro tipo que não reconheci. Parecia um homem de negócios. Sabes, um executivo.

— A vítima atacou-a?

— Deu-me um murro — disse Mavis, em tom de lamento, ao tocar na ferida na maçã do rosto. — De início foi só cabra. Pela maneira como os olhos dela rodopiavam pela cabeça, presumi que estivesse drogada.

— Crê que ela estivesse a usar estupefacientes?

— À grande. Quer dizer, os olhos eram como rodas de cristais, e aquele murro. Já me tinha embrulhado com ela antes, tu viste — proseguiu Mavis enquanto Eve se retraía. — Ela não tinha aquele tipo de força antes.

— Respondeu à agressão?

— Acho que lhe encaixei um murro, pelo menos um. Ela arranhou-me... aquelas malditas unhas. Mande-me ao cabelo dela. Acho que foi o Justin Young e o executivo que nos separaram.

— E depois?

— Acho que cuspimos uma na outra durante alguns minutos, depois fui-me embora. Saltar de bar em bar.

— Onde foi? Ficou por quanto tempo?

— Fui a uns quantos sítios. Acho que fui primeiro ao ZigZag, aquela espelunca no cruzamento da Sixty-first com a Lex.

— Falou com alguém?

— Não queria falar com ninguém. Estava com dores na cara e sentia-me muito mal. Pedi um Triple Zombie e amuei.

— Como é que pagou a bebida?

— Acho que... Sim, acho que inseri a minha conta de crédito no ecrã.

Ótimo. Haveria um registo, tempo, lugar.

— Daí, para onde seguiu?

— Andei por aí, fui parar a umas outras espeluncas. Estava bastante bêbeda.

— Ainda estava a encomendar bebidas?

— Devia estar. Estava bastante bêbeda quando pensei em ir a casa do Leonardo.

— Como é que chegou à baixa?

— Fui a pé. Precisava de ficar mais sóbria, então andei. Apanhei o desliza algumas vezes, mas fui a pé durante a maior parte do caminho.

Na esperança de avivar alguma memória, Eve repetiu toda a informação que Mavis tinha acabado de transmitir.

— Quando saiu do ZigZag, andou em que direcção?

— Tinha acabado de beber dois Triple Zombies. Não estava a andar. Não sei em que direcção. Dallas, não sei o nome dos outros sítios a que fui, o que mais bebi. Está tudo muito turvo. Música, pessoas a rir... uma pessoa a dançar na mesa.

— Masculino ou feminino?

— Um tipo. Bem dotado, com uma tatuagem, penso. Podia ser tinta. Quase de certeza que era uma cobra, talvez um lagarto.

— O dançarino, como é que ele era?

— Merda, Dallas, nunca olhei acima da cintura.

— Falou com ele?

Mavis colocou a cabeça entre as mãos e tentou lembrar-se. Agarrar-se à memória era como agarrar uma mão cheia de água.

— Não sei. Estava mesmo debilitada. Lembro-me de andar e andar. Chegar a casa do Leonardo a pensar que seria a última vez que o iria ver. Não queria estar bêbeda quando o visse, então tomei um pouco de Sobriador e entrei. Depois encontrei-a, e foi bem pior do que estar bêbeda.

— Qual foi a primeira coisa que viu quando entrou?

— Sangue. Muito sangue. Coisas deitadas ao chão, partidas, mais sangue. Estava com tanto medo que o Leonardo se tivesse magoado a ele mesmo, corri para o seu local de trabalho e encontrei-a. — Esta era uma memória que conseguia trazer à superfície de maneira bastante clara. — Vi-a. Reconheci-a por causa do cabelo, e porque estava a usar a mesma roupa de antes. Mas a cara dela... não estava lá de todo. Não conseguia gritar. Ajoelhei-me ao lado dela. Não sei o que pensei que podia fazer, mas tinha de fazer qualquer coisa. Depois algo me atingiu, e quando acordei, liguei-te.

— Viu alguém, enquanto subia o edifício, lá fora na rua?

— Não. Era tarde.

— Fale-me sobre a câmara de segurança.

— Estava partida. Às vezes os bandalhos da rua excitam-se ao partirem-nas. Não pensei ser nada de mais.

— Como chegou ao apartamento?

— A porta não estava trancada. Limitei-me a entrar.

— E a Pandora estava morta quando lá chegou? Não falou com ela, discutiram?

— Não, já te disse. Ela estava lá deitada.

— Já tinha lutado com ela antes, duas vezes. Lutou com ela, hoje, no apartamento do Leonardo?

— Não. Ela estava morta. Dallas...

— Porque é que lutou com ela nas ocasiões anteriores?

— Ela ameaçou arruinar a carreira do Leonardo. — As emoções manifestavam-se na cara ferida de Mavis. Mágoa, medo, aflição. — Ela não o deixava ir. Nós estávamos apaixonados, mas ela não o deixava partir. Viste como ela estava, Dallas.

— O Leonardo e a carreira dele são muito importantes para si.

— Eu amo-o — disse Mavis sossegadamente.

— Faria qualquer coisa para o proteger, para evitar que ele se magoasse, pessoal ou profissionalmente.

— Tinha decidido sair da vida dele — afirmou Mavis com uma dignidade que animou Eve. — Ela tê-lo-ia magoado de outro modo, não podia deixar que isso acontecesse.

— Ela não o poderia magoar, ou a si, se estivesse morta.

— Não a matei.

— Foi a casa dela, discutiram, ela bateu-lhe e a Mavis respondeu. Foi-se embora e embebedou-se. Foi até ao apartamento de Leonardo, encontrou-a lá. Talvez tenham discutido novamente, talvez ela a tenha atacado outra vez. Defendeu-se, as coisas descontrolaram-se.

Os olhos de Mavis, grandes e cansados, registaram primeiro confusão, depois mágoa.

— Porque é que estás a dizer isso? Sabes que não é verdade.

De olhar determinado, Eve chegou-se à frente.

— Ela estava a fazer-lhe da vida um inferno, a ameaçar o homem que ama. Magoou-a, fisicamente. Era mais forte que a Mavis. Quando a viu a entrar no apartamento de Leonardo, lançou-se novamente a si. Ela deitou-a ao chão, a Mavis bateu com a cabeça. Depois ficou com medo, agarrou a primeira coisa que lhe veio à mão, para se proteger. Bateu-lhe, para se proteger. Talvez ela tenha insistido e a Mavis lhe tenha voltado a bater. Para se proteger. Depois perdeu o controlo, continuou a bater-lhe, a bater-lhe, até se aperceber que estava morta.

Mavis soluçou por entre os lábios. Abanou a cabeça, continuou a abaná-la enquanto o corpo tremia violentamente.

— Não matei. Não a matei. Ela já estava morta. Por amor de Deus, Dallas, como é que podes pensar que eu faria isso a alguém?

— Talvez não tenha feito. — Pressiona, exigiu Eve a si mesma enquanto o seu coração doía. Pressiona, para ficar registado. — Talvez o Leonardo a tenha morto, e a Mavis o esteja a proteger. Viu-o descontrolar-se, Mavis? Ele pegou na bengala e atingiu a Pandora com ela?

— Não, não, não!

— Ou a Mavis só chegou depois de ele a ter morto, quando ele estava

ao lado do corpo. Entrou em pânico. A Mavis quis ajudá-lo a encobrir a situação, então tirou-o de lá; e participou a ocorrência.

— Não. Não foi assim. — Levantou-se exaltada da cadeira, maçãs do rosto brancas, olhos selvagens. — Ele nem sequer estava lá. Não vi ninguém. Ele nunca faria tal coisa. Porque é que não me estás a ouvir?

— Estou a ouvi-la, Mavis. Sente-se. Sente-se. — Eve repetiu, mas de maneira mais gentil. — Estamos quase despachadas aqui. Há mais alguma coisa que queira acrescentar ao seu depoimento, ou qualquer alteração que deseje fazer ao que foi dito?

— Não — disse Mavis ao olhar fixamente por cima do ombro de Eve.

— Isto conclui o Primeiro Interrogatório, Mavis Freestone, ficheiro dos Homicídios, Pandora. Dallas, tenente Eve. — Apontou a data e a hora, desligou o gravador e respirou para se acalmar. — Lamento, Mavis. Lamento tanto.

— Como é que pudeste fazer uma coisa destas? Como é que me pudeste dizer estas coisas?

— Eu tenho de te dizer estas coisas. Tenho de te colocar estas questões, e tu tens de lhes responder. — Eve pôs a mão sobre Mavis, de maneira firme. — Talvez as tenha de perguntar outra vez e tu terás de lhes responder. Olha para mim, Mavis. — Eve esperou que Mavis desviasse o olhar. — Não sei o que é que a brigada de limpeza vai trazer, ou o que os relatórios do laboratório vão afirmar.

Mas se não tivermos muita sorte, vais precisar dum advogado.

A cor desapareceu do rosto de Mavis, até dos lábios. Mavis parecia um cadáver com olhos magoados.

— Vais prender-me?

— Não sei se vamos chegar a isso, mas quero que estejas preparada. Agora, quero que vás para casa com o Roarke e que durmas um bocado. Quero que te esforces, que te esforces mesmo muito, para te lembrares dos sítios e das pessoas. Se te lembrares de qualquer coisa, grava-a para mim.

— O que é que vais fazer?

— Vou fazer o meu trabalho. Sou bastante boa naquilo que faço, Mavis. Lembra-te disso, e confia em mim para esclarecer isto tudo.

— Esclarecer isto tudo. — Repetiu Mavis, com um tom amargo. — Ilibares-me, queres tu dizer. Pensei que fosse inocente até prova do contrário.

— Essa é uma das maiores mentiras com as quais vivemos. — De pé, Eve levou Mavis até ao corredor. — Farei o meu melhor para fechar o caso rapidamente. É tudo o que te posso dizer.

— Podes dizer-me que acreditas em mim.

— Também te posso dizer isso. — Eve não podia deixar que isso se intrometesse.

Havia sempre papelada nestes procedimentos. Numa hora, Eve fez com que Mavis saísse da Central sob custódia voluntária de Roarke. Mavis Freestone estava arrolada como testemunha. Oficiosamente, Eve sabia que Mavis era a suspeita principal. Com a intenção de emendar isso de imediato, Eve foi para o seu escritório.

— O que é que é esta merda sobre a Mavis limpar o sebo a uma modelo?

— Feeney. — Eve estava capaz de beijar todas as rugas de Feeney. Este sentou-se na secretária de Eve, com o seu saco omnipresente de nozes doces, de semblante enrugado e carregado. — As notícias espalham-se.

— Foi das primeiras coisas que ouvi quando parei no restaurante. Uma das amigas da nossa melhor agente vai de cana, causa sensação.

— Ela não foi de cana. É testemunha. Por agora.

— Os *media* já sabem da história. Ainda não sabem que é a Mavis, mas têm a cara da vítima espalhada por todos os ecrãs. A patroa tirou-me do duche para ver a notícia. A Pandora era importante para caralho.

— Importante para caralho, viva ou morta. — Cansada, Eve encostou a anca ao canto da secretária. — Queres um resumo do depoimento da Mavis?

— Pensas que estou aqui para quê? Pela atmosfera?

Eve resumiu, na maneira abreviada que ambos entendem, e deixou-o a franzir o sobrolho.

— Porra, Dallas, isto está mau para ela. Tu mesmo as viste enroladas.

— Ao vivo e a cores. Por que raio meteu ela na cabeça a ideia de confrontar a Pandora outra vez... — Ao levantar-se, percorreu a sala. — Piora tudo. Estou à espera que o laboratório me dê alguma coisa, qualquer coisa. Mas não posso contar com isso. Qual a tua carga de trabalho, Feeney?

— Nem perguntes. — Acenou casualmente. — Do que é que precisas?

— Preciso de uma análise à conta de crédito dela. O primeiro sítio que se lembra de ter ido é ao ZigZag. Se a conseguirmos colocar lá, ou num dos outros sítios pela altura da morte, ela está ilibada.

— Posso tratar disso por ti, mas... Temos alguém a rondar a cena do crime, a bater na cabeça da Mavis. Não devemos ter um grande intervalo de tempo.

— Eu sei. Tenho de cobrir todas as hipóteses. Vou localizar as pessoas que a Mavis reconheceu na casa da vítima, recolher depoimentos. Tenho de encontrar um dançarino com uma pila grande e com uma tatuagem.

— O divertimento nunca pára.

Eve quase sorriu.

— Preciso de encontrar pessoas que testemunhem que ela estava mesmo bêbeda. Mesmo com uma dose de Sobriador, ela não estaria sóbria o suficiente para dar cabo da Pandora, se tivesse estado a beber até cair.

— Ela diz que a Pandora estava sob o efeito de drogas.

— Mais outra coisa que também tenho de averiguar. Depois ainda temos Leonardo, o esquivo. Onde raio é que ele andava? E onde é que está agora?

Leonardo estava estatelado no meio do chão da sala de Mavis, onde tinha caído horas antes devido à bebedeira causada por uma garrafa de uísque sintético e por uma batelada de auto-comiseração.

Estava agora a ficar consciente, com medo de ter perdido parte da cara algures naquela noite miserável. Quando, apreensivamente, levou a mão à cara, ficou aliviado ao encontrá-la no sítio normal, apenas dormente por estar contra o chão de Mavis.

Não se conseguia lembrar de muito. Era uma das razões pelas quais raramente bebia e nunca se permitia beber em demasia. Era susceptível a apagões e espaços em branco quando bebia uns copos a mais.

Pensava lembrar-se de cambalear até ao prédio de Mavis, de usar o cartão de acesso que Mavis lhe tinha dado quando se aperceberam de que não eram meros amantes, mas sim apaixonados.

Mas Mavis não se encontrava lá. Leonardo estava quase certo disso. Tinha uma vaga lembrança de se arrastar pela cidade, a beber da garrafa que tinha comprado... roubado? Merda. Algo confuso, tentou sentar-se e ver qualquer coisa por entre os seus olhos cadavéricos. Tudo o que sabia ao certo era que tinha a maldita garrafa na mão e o uísque nas entranhas.

Tinha ficado inconsciente, por certo. O que lhe metia nojo. Como poderia esperar conseguir chamar Mavis à razão, se veio a cambalear até ao apartamento, bêbedo, a balbuciar?

Apenas podia estar grato por Mavis não estar em casa.

Agora, claro, tinha uma ressaca monstruosa que o fez encolher-se e clamar por piedade. Mas Mavis poderia voltar, e ele não a queria ver naquele estado humilhante. Obrigou-se a levantar, foi procurar uns analgésicos, antes de programar o AutoChef de Mavis para fazer café, forte e simples.

Depois reparou no sangue.

Estava seco, espalhado pelo braço até à mão. Tinha um corte no antebraço, longo, algo fundo, que já tinha criado crosta. Sangue, pensou novamente. Sentiu os nervos no estômago ao notar que o sangue lhe tinha sujo a camisa, as calças.

Respirando levemente, afastou-se do balcão, olhou para baixo, para si mesmo. Teria estado envolvido numa briga? Teria magoado alguém?

Vieram-lhe vômitos à garganta enquanto a sua mente passava por vazios enormes e memórias turvas.

Ó meu Deus, teria Leonardo morto alguém?

Eve olhava determinadamente para o relatório preliminar do médico, quando ouviu um bater rápido e agudo na porta do seu escritório. A porta abriu-se antes que Eve dissesse alguma coisa.

— Tenente Dallas? — O homem parecia um *cowboy* bronzeado, desde o seu sorriso manhoso até às suas botas de saltos gastos. — Raios me partam, é bom ver a lenda em pessoa. Já vi a tua foto, mas és de longe mais gira ao vivo.

— Sinto-me lisonjeada. — Semicerrando os olhos, recostou-se. Ele também era bastante bem-parecido, com cabelo cor de trigo a envolver um rosto experiente e bronzeado, que suportava uns atraentes olhos verdes. Um nariz longo e direito, o piscar fugaz de uma covinha matreira ao canto de uma boca sorridente. E um corpo que, bem, parecia servir muito bem para as encomendas. — Quem raio és tu?

— Casto, Jake T. — tirou o distintivo do bolso da frente das *Levi's* desbotadas —, Narcóticos. Ouvi dizer que estavas à minha procura.

Eve examinou o distintivo.

— Ai sim? E ouviu dizer porque é que o estava a tentar encontrar, tenente Casto, Jake T.?

— O nosso informador em comum. — Entrou por completo e encostou a anca à secretária de Eve. Isto aproximou-o o suficiente para que Eve sentisse a fragrância da pele deste. Sabão e cabedal. — É uma enorme pena o que aconteceu ao velho Boomer. Sacaninha inofensivo.

— Se sabias que o Boomer era meu, porquê a demora em vires falar comigo?

— Estive ocupado com outra coisa. E, para dizer a verdade, não pensei que houvesse muito a dizer ou a fazer. Depois ouvi dizer que o Feeney da DDE estava a investigar. — Aqueles olhos sorriram novamente, com um pequeno toque de sarcasmo. — O Feeney também é teu, basicamente, não é?

— O Feeney é dele mesmo. Em que é que tinhas o Boomer a trabalhar?

— No normal. — Casto pegou num ovo de ametista da secretária de Eve, admirou as inclusões, passou-o de mão para mão. — Informações sobre drogas. Coisas pequenas. O Boomer gostava de pensar que era importante, mas eram sempre coisas pequenas.

— Peças pequenas podem construir um panorama mais amplo.

— Era para isso que o usava, fofa. Ele era de confiança para uma ou outra apreensão. Cheguei a prender traficantes de importância média, algumas vezes, com informações dele. — Sorriu novamente. — Alguém o tem de fazer.

— Sim. Então quem é que o transformou em papa?

O sorriso desvaneceu-se. Casto pousou o ovo, recuou e abanou a cabeça.

— Não posso dizer que faça ideia. O Boomer não era uma pessoa muito adorada, mas não sei de ninguém que o odiasse o suficiente ou que estivesse chateado ao ponto de lhe limpar o sebo daquela maneira.

Eve estudou o homem. Parecia fiável, e havia algo no tom de voz deste quando falava de Boomer que a lembrava do seu próprio afecto cauteloso. Ainda assim, Eve acreditava em não partilhar as suas informações.

— Ele estava a trabalhar em alguma coisa em particular? Algo diferente? Algo maior?

A sobrancelha de Casto levantou-se.

— Tal como?

— Eu é que estou a perguntar. Os narcóticos não são a minha especialidade.

— Não havia nada de que soubesse. Da última vez que falei com ele, porra, duas semanas antes de ele aparecer a flutuar, falou sobre snifar qualquer coisa de chocante. Sabes como é que ele falava, Eve.

— Sim, sei como é que ele falava. — Era altura de partilhar as informações que tinha. — Também sei que apreendi uma substância não identificada no apartamento dele. Está agora no laboratório a ser analisada. Até agora, tudo o que me dizem é que é uma mistura nova, e é mais potente do que qualquer outra coisa que esteja nas ruas.

— Nova mistura. — A testa de Casto enrugou. — Por que raio é que ele não me avisou sobre isso? Se ele tentou jogar dos dois lados... — Casto respirou por entre os dentes. — Achas que foi por isso que o mataram?

— Sim, essa é a minha melhor teoria.

— Sim. Coisa parva. Provavelmente tentou extorquir o fabricante ou o distribuidor. Escuta, vou falar com o laboratório e ver se há qualquer informação pelas ruas sobre algo novo que esteja a aparecer.

— Agradeço.

— Vai ser um prazer trabalhar contigo. — Mexeu-se um pouco e pôs-se a olhar fixamente para a boca de Eve, mas de forma tão talentosa que estava longe de parecer um insulto e aproximava-se fortemente dum elogio. — Talvez queiras ir comer qualquer coisa, para discutir estratégias. Ou qualquer outra coisa que te lembres.

— Não, obrigada.

— Isso é por não estares com fome, ou porque te vais casar?

— Por ambas as razões.

— Bem, sendo assim... — Casto levantou-se e, sendo Eve humana, teve de apreciar a maneira como a ganga se aconchegava pelas pernas longas e esbeltas deste. — Se mudares de ideias sobre qualquer uma delas, agora sabes onde me encontrar. Darei notícias. — Foi vagarosamente até à porta, parou e virou-se. — Sabes, Eve, os teus olhos são como uísque envelhecido, do bom. Desperta sempre uma sede portentosa num homem.

Eve franziu o sobrolho perante a porta que Casto tinha fechado, incomodada pelo facto de o seu pulso estar um pouco acelerado, um pouco instável. Para ultrapassar o momento, Eve passou as mãos pelo cabelo e olhou novamente para o relatório no ecrã.

Não precisava que lhe dissessem como Pandora tinha morrido, mas era interessante observar como os paramédicos defendiam que as três primeiras pancadas na cabeça tinham sido fatais. Tudo para lá disso, tinha sido apenas para satisfação do assassino.

Eve tinha notado que Pandora tinha dado luta antes das pancadas na cabeça. As lacerações e escoriações nas outras partes do corpo estavam em concordância com uma luta.

A hora da morte estava listada como sendo às duas e cinquenta da manhã, e os conteúdos do estômago indicavam que a vítima tinha desfrutado de uma última refeição requintada, por volta das nove da noite, de lagosta, endívia, bavaroise e champanhe de excelente qualidade.

Também havia fortes indícios de químicos no sangue que ainda estavam para ser analisados.

Por isso, Mavis estava, provavelmente, certa. Parecia que Pandora estava drogada com alguma coisa, possivelmente na lista de narcóticos. No panorama geral, tal podia fazer diferença — ou não.

Mas os vestígios de pele sob as unhas da vítima iriam fazer a diferença. Eve estava aterrorizadamente convicta que quando o laboratório terminasse a análise, esta ia provar que se tratava da pele de Mavis. Tal como os pedaços de cabelo que a brigada de limpeza tinha recolhido perto do corpo seriam de Mavis. E, ainda mais incriminatório, tinha medo que as impressões digitais na arma do crime pudessem ser de Mavis.

Como uma cilada, pensou Eve ao permitir que os seus olhos fechassem, era perfeito. Mavis entra, altura errada, sítio errado, e o assassino vê um bode expiatório feito à medida.

Saberia ele ou ela a história entre Mavis e a vítima, ou teria sido apenas mais um bafo de sorte?

Em qualquer um dos casos, deixa Mavis inconsciente, falsifica algumas provas, até acrescenta o golpe de génio de raspar as unhas da falecida

sobre a cara de Mavis. Bastante fácil, colocar os dedos de Mavis na arma, depois escapulir-se com a sensação de um trabalho bem feito.

Não era preciso um génio, pensou Eve. Mas seria precisa uma mente fria e pragmática. E como é que isso se adequava com a raiva e insanidade do ataque a Pandora?

Ela teria de fazer com que resultasse. E teria de arranjar uma maneira de ilibar Mavis e encontrar o tipo de assassino que conseguisse transformar a cara de uma mulher em nada, e depois arrumar tudo.

Quando se começou a levantar, a porta abriu-se rapidamente. Leonardo, de olhos selvagens, irrompeu pelo escritório.

— Matei-a. Matei a Pandora. Deus me acuda.

Com isto, os seus olhos selvagens reviraram e todos os seus noventa quilos baquearam no chão num desmaio morto.

— Meu Deus. Ai, meu Deus. — Em vez de o tentar apanhar, Eve correu para trás de modo a sair do caminho do corpo em queda. Era como observar uma árvore enorme a cair. Agora estava esticado, com os pés na entrada de Eve, com a cabeça quase a raspar a parede oposta. Eve agachou-se, e ao usar a força das costas conseguiu virá-lo. Tentou bofetadas ligeiras, depois esperou. A falar consigo mesma, usou novamente a força das costas, ao esbofetear o rosto de Leonardo com força.

Leonardo gemeu, e os seus olhos que raiavam sangue abriram.

— O quê... onde...

— Cala-te, Leonardo — ordenou Eve enquanto se levantava, foi até à porta e pontapeou os pés de Leonardo para dentro. Com a porta devidamente fechada, Eve olhou para ele. — Vou ler-te os teus direitos.

— Os meus direitos? — parecia confuso, mas conseguiu elevar-se até estar sentado em vez de deitado.

— Tu ouve. — Eve leu-lhe os direitos revistos de Miranda, depois ergueu uma mão antes que Leonardo pudesse falar. — Percebes os teus direitos e opções?

— Sim. — Abatido, esfregou as mãos pela cara. — Eu sei o que se passa.

— Queres fazer alguma declaração?

— Já te disse...

De olhos sérios, Eve ergueu novamente a mão.

— Sim ou não. Só sim ou não.

— Sim, sim, quero fazer uma declaração.

— Levanta-te do chão. Vou gravar isto. — Virou-se para a secretária. Eve podia-o ter arrastado para o Interrogatório. Provavelmente deveria tê-lo feito, mas isso podia esperar. — Percebes que o que disseres agora é oficial?

— Sim. — Levantou-se e caiu para uma cadeira que chiou com o seu peso. — Dallas...

Eve abanou a cabeça para o interromper. Depois de ligar o gravador, Eve anotou a informação necessária, depois leu-lhe os direitos de Miranda, novamente, para o gravador.

— Leonardo, entende estes direitos e opções, e nesta altura, tendo abdicado de representação, está preparado para emitir uma declaração?

— Só quero despachar isto.

— Sim ou não?

— Sim. Sim, porra.

— Conhecia a Pandora?

— Claro que conhecia.

— Tinha uma relação com ela?

— Tinha. — Cobriu a cara, novamente, mas ainda conseguia ver a imagem que estava a piscar no ecrã de visionamento de Mavis quando decidiu mudar para as notícias. O longo saco preto a ser transportado do seu prédio. — Não posso crer que isto está a acontecer.

— Qual a natureza da sua relação com a vítima?

Foi tão fria, pensou, a maneira como Eve o disse.

— A vítima. — As mãos de Leonardo caíram para o seu colo e este olhou para Eve. — Sabes que éramos amantes. Sabes que estava a tentar acabar a relação por causa...

— Já não eram íntimos — interrompeu Eve — quando a Pandora morreu.

— Não, já não estávamos juntos há semanas. Ela tinha estado fora do planeta. As coisas tinham acalmado entre nós, mesmo antes de ela ir embora. E depois conheci a Mavis, e tudo mudou para mim. Dallas, onde é que está a Mavis? Onde é que ela está?

— Não lhe posso revelar o paradeiro da Sra. Freestone nesta altura.

— Diz-me só se ela está bem. — Os olhos de Leonardo encheram-se, transbordaram. — Diz-me só se ela está bem.

— Estamos a tratar dela. — Foi tudo o que Eve disse. Tudo o que podia dizer. — Leonardo, é verdade que Pandora tinha ameaçado arruiná-lo profissionalmente? Que ela exigiu que continuasse a sua relação com ela, e se se recusasse, ela retirar-se-ia do seu desfile. Desfile esse em que o Leonardo investiu uma grande quantia de tempo e dinheiro.

— Tu estavas lá, tu ouviste-a. Ela estava-se pouco lixando para mim, mas não tolerava ser eu a acabar as coisas. Se não parasse de ver a Mavis, se não voltasse a ser o seu animal de estimação, ela trataria de fazer com que o desfile falhasse ou mesmo que nunca acontecesse.

— O Leonardo não queria deixar de ver a Sra. Freestone.

— Eu amo a Mavis — disse Leonardo com grande dignidade. — Ela é a coisa mais importante da minha vida.

— No entanto, se não acedesse às exigências da Pandora, ficaria, mais certamente, com grandes dívidas e uma mancha na sua reputação profissional que seria intolerável. Certo?

— Sim. Investi tudo o que tinha neste desfile. Pedi bastante dinheiro emprestado. Mais, empenhei todo o meu coração nele. A minha alma.

— Ela podia ter acabado com tudo.

— Sim. — Os lábios deste mexeram-se. — Ela teria adorado isso.

— Pediu-lhe para ela ir ao seu apartamento na noite de ontem?

— Não. Nunca mais a queria ver.

— A que horas chegou ela ao seu apartamento?

— Não sei.

— Como é que ela entrou? Abriu-lhe a porta?

— Acho que não. Não sei. Ela poderia ter o meu cartão de acesso. Nunca me lembrei de o recuperar ou alterar. Tem sido tudo uma loucura.

— O Leonardo discutiu com a Pandora.

Os olhos de Leonardo ficaram vidrados, brancos.

— Não sei. Não me lembro. Mas devo tê-la deixado entrar. Tê-lo-ia feito.

— Recentemente, a Pandora foi até ao seu apartamento sem ser convidada, ameaçou-o, atacou fisicamente a sua acompanhante.

— Sim, sim, atacou. — Conseguia lembrar-se disso. Era um alívio lembrar-se disso.

— Qual a disposição da Pandora quando ela foi ao seu apartamento nessa altura?

— Devia estar zangada. Tinha-lhe dito que não iria abdicar de Mavis. Isso tê-la-ia enraivecido. Dallas... — Os seus olhos concentraram-se novamente, a mostrar desespero. — Eu simplesmente não me lembro. De nada. Quando acordei esta manhã, estava no apartamento da Mavis. Acho que me lembro de usar o meu cartão de acesso para entrar. Tinha estado a beber, a andar e a beber. Raramente bebo porque tenho a tendência para perder a noção dos acontecimentos, para criar buracos negros na minha mente. Quando acordei, vi o sangue.

Mostrou o braço onde tinha a ferida, mal tratada.

— Tinha sangue nas mãos, na roupa. Sangue seco. Devo ter lutado com ela. Devo tê-la morto.

— Onde é que estão as roupas que usou ontem à noite?

— Deixei-as em casa da Mavis. Tomei banho, troquei de roupa. Não queria que ela voltasse a casa e que me encontrasse naquele estado. Estava à

espera dela, a tentar pensar no que fazer de seguida, e liguei a televisão nas notícias. Ouvi...vi. E soube.

— Está a dizer que não se lembra de ver a Pandora ontem à noite. Não se lembra de ter discutido com ela. Não se lembra de a matar.

— Mas devo tê-lo feito — insistiu. — Ela morreu no meu apartamento.

— A que horas saiu do seu apartamento ontem à noite?

— Não tenho a certeza. Tinha estado a beber antes. Muito. Estava chateado e zangado.

— Viu ou falou com alguém?

— Comprei outra garrafa. De um vendedor ambulante, penso.

— Viu a Sra. Freestone ontem à noite?

— Não. Tenho certeza disso. Se a tivesse visto, se pudesse ter falado com ela, então tudo teria ficado bem.

— E se lhe dissesse que a Mavis estava no seu apartamento na noite de ontem?

— A Mavis veio. — O seu rosto iluminou. — Ela voltou para mim? Mas isso não pode ter acontecido. Não me poderia ter esquecido disso.

— A Mavis estava lá quando o Leonardo lutou com a Pandora? Quando o Leonardo matou a Pandora?

— Não. Não.

— Ela entrou depois de a Pandora estar morta, depois de o Leonardo a ter morto? Estava em pânico na altura, não estava? Aterrorizado.

O pânico tinha-se, agora, instalado nos olhos de Leonardo.

— A Mavis não podia ter estado lá.

— Mas estava. Ela contactou-me do seu apartamento, depois de encontrar o corpo.

— A Mavis viu? — Debaixo do tom de cobre, a pele de Leonardo ficou pálida. — Oh meu Deus, não.

— Alguém agrediu a Mavis, deixaram-na inconsciente. Foi o Leonardo?

— Alguém a agrediu? Ela está bem? — Leonardo estava de pé, fora da cadeira, a arrastar as mãos pelo cabelo. — Onde é que ela está?

— Foi o Leonardo?

Leonardo esticou os braços.

— Cortaria as minhas mãos antes de magoar a Mavis. Por amor de Deus, Dallas, diz-me onde é que ela está. Deixa-me saber se ela está bem.

— Como é que mataste a Pandora?

— Eu...o repórter disse que eu a tinha espancado até à morte. — Arrepiou-se.

— Como é que a espancou? O que usou para o fazer?

— Eu... as minhas mãos? — Voltou a esticar os braços. Eve reparou que não havia sinais de feridas, rasgões ou arranhões nos nós dos dedos. Estavam perfeitos, como se fossem feitos de madeira boa e polida.

— Ela era uma mulher forte. Deve ter dado luta.

— O corte no meu braço.

— Gostava de examinar o corte, tal como as roupas que diz ter deixado em casa da Mavis.

— Vais prender-me agora?

— Não vai ser acusado, por agora. Vai, no entanto, ser detido até os testes estarem completos.

Eve reviu as mesmas coisas com Leonardo, pressionando-o para obter lugares, horas, movimentos. Eve bateu na parede que bloqueava a memória de Leonardo vezes e vezes sem conta. Longe de estar satisfeita, concluiu o interrogatório, levou-o para a cela de detenção, depois fez os preparativos para os testes.

A sua próxima paragem seria o comandante Whitney.

Ignorando a oferta de uma cadeira por parte do comandante, Eve ficou de pé, enfrentando-o, ficando este por trás da secretária. Energeticamente, deu-lhe os resultados dos interrogatórios iniciais. Whitney cruzou as mãos e observou-a. Whitney tinha bons olhos, olhos de polícia, capazes de reconhecer uma pessoa corajosa quando a via.

— Tem um homem que confessou o homicídio. Um homem com motivo e oportunidade.

— Um homem que não se lembra de ver a vítima na noite em questão, muito menos de atacá-la até à morte.

— Não seria a primeira vez que um criminoso confessava um crime dessa maneira para parecer inocente.

— Não, meu comandante. Mas penso que não é ele o nosso assassino. Os testes podem mostrar que estou enganada, mas o tipo de personalidade não vai de encontro ao crime cometido. Testemunhei outra discussão onde a vítima atacou a Mavis. Em vez de tentar separar a briga, ou demonstrar quaisquer sinais de violência, manteve-se afastado e esfregou as mãos.

— Segundo o seu próprio depoimento, o indivíduo estava sob a influência de álcool na noite do crime. A bebida pode produzir mudanças de personalidade.

— Sim, meu comandante. — Era razoável. No fundo, Eve queria culpar Leonardo pelo crime, conseguir a confissão e deixar-se ir. Mavis ficaria miserável, mas estaria segura. Seria ilibada. — Não é ele — disse Eve de maneira séria. — Recomendo que o detenhamos pelo máximo período de tempo possível, que o voltemos a interrogar para lhe tentar avivar a memória. Mas não o podemos acusar por pensar que matou alguém.

— Seguirei as suas recomendações, Dallas. Os outros relatórios do laboratório não devem demorar muito. Esperemos que os relatórios esclareçam tudo. Percebe que podem incriminar ainda mais a Mavis Freestone.

— Sim, meu comandante, estou ciente disso.

— A Dallas tem uma amizade duradoura com ela. Não seria mancha nenhuma na sua ficha retirar-se da posição de investigadora principal neste caso. Aliás, até podia ser melhor para si, e certamente mais racional se assim o fizesse.

— Não, meu comandante, não me retirarei da posição de investigadora principal. Se o comandante me retirar, peço uma licença e continuarei no caso no meu próprio tempo. Se necessário, pedirei a demissão.

Por um momento, esfregou as suas mãos contra a testa.

— A sua demissão não seria aceite. Sente-se, tenente. Porra, Dallas — explodiu quando Eve continuou de pé. — Sente-se. Foda-se, é uma ordem.

— Sim, comandante.

Whitney suspirou, controlou o seu temperamento.

— Magoei-a, há pouco tempo, com um ataque pessoal que não foi nem apropriado nem merecido. Devido a isso, estraguei qualquer coisa entre nós. Compreendo que já não se sinta confortável sob o meu comando.

— É o melhor comandante sob o qual alguma vez servi. Não tenho qualquer problema com o comandante enquanto meu superior.

— Mas não como amigo... nem de longe. — Whitney acenou, aceitando o silêncio de Eve. — De qualquer modo, devido ao meu comportamento durante a sua investigação num caso que me era muito próximo, a Dallas devia estar bem ciente que compreendo perfeitamente o que está a passar com isto. Sei o que é ter de repartir lealdades, Dallas. Embora possa não ser capaz de discutir os seus sentimentos comigo neste caso, recomendo fortemente que o faça com alguém em quem confie. O meu erro na outra investigação foi não partilhar o fardo. Não faça o mesmo neste.

— A Mavis não matou ninguém. Nenhuma prova me convencerá do contrário. Farei o meu trabalho, comandante. Ao fazê-lo, vou encontrar o verdadeiro assassino.

— Não duvido que fará o seu trabalho, tenente, ou que sofrerá devido a isso. Tem o meu apoio quer escolha usá-lo ou não.

— Obrigada, meu comandante. Tenho um pedido a fazer sobre outro caso.

— Que é?

— A questão do Johannsen.

Whitney suspirou profundamente.

— A Dallas é como um terrier. Nunca larga.

Eve não podia contrariar tal argumento.

— Tem o meu relatório sobre o que foi encontrado no apartamento do Boomer. A substância ilegal ainda não foi totalmente analisada. Pesquisei por mim mesma sobre a fórmula que descobrimos. — Tirou a disquete da mala. — É uma mistura nova, bastante potente. Os efeitos desta serão, provavelmente, de longo prazo, quando comparados com os restantes produtos que se encontram na rua. Entre quatro a seis horas com uma dose normal. Muito mais de uma só vez seria, em oitenta e oito por cento dos casos, fatal.

De lábios contraídos, Whitney virou a disquete.

— Pesquisa pessoal, Dallas?

— Tinha um contacto, usei-o. O laboratório ainda está a trabalhar, mas já identificaram vários dos ingredientes e as quantidades dos mesmos. O que quero dizer é: esta substância seria incrivelmente rentável, pois apenas necessita de uma pequena quantidade para produzir resultados. É altamente viciante, produz uma sensação de força, ilusões de poder e uma espécie de euforia... não de tranquilidade, mas de auto-controlo e domínio sobre os outros. Também contém uma espécie de regenerador de células. Calculei os resultados do uso a longo prazo. O uso diário por um período de cinco anos, em noventa e seis vírgula oito por cento dos casos resulta no encerramento total do sistema nervoso. E em morte.

— Meu Deus. É veneno?

— Em última análise, sim. Os fabricantes sabem isto, certamente, o que os torna culpados não só de distribuírem drogas, mas também de homicídio premeditado.

Eve deixou Whitney assimilar a informação, sabia a dor de cabeça que iria ser quando os *media* se apoderassem destes dados.

— O Boomer poderia ou não estar ciente disto, mas sabia o suficiente para morrer por causa disso. Quero continuar no caso e como sei que estou ocupada com outros assuntos, gostava de pedir que a agente Peabody fosse destacada como minha assistente até o assunto estar resolvido.

— Mas tenente, a Peabody tem pouca experiência quer em narcóticos, quer em homicídios.

— Ela compensa com inteligência e dedicação. Gostava que ela me auxiliasse na coordenação com o tenente Casto dos Narcóticos, que também utilizava o Boomer como informador.

— Vou tratar disso. Em relação ao homicídio da Pandora, use o Feeney. — Levantou a sobrancelha. — Vejo que já o está a usar. Vamos fingir que acabei de dar a ordem, para a tornar oficial. Terá de lidar com os *media*.

— Já estou habituada. A Nadine Furst voltou da licença. Vou dar-lhe o que me parecer melhor. Ela e o Canal 75 devem-me umas quantas. — Eve

levantou-se. — Tenho umas quantas pessoas com quem falar. Vou contactar o Feeney e levá-lo comigo.

— A ver vamos se conseguimos esclarecer tudo antes da sua lua-de-mel. — O rosto de Eve ficou num tamanho misto de contradições, embaraço, prazer e medo que Whitney soltou uma gargalhada. — Vai conseguir, Dallas. Garanto-lhe.

— Claro, quando o tipo que me está a desenhar o vestido está detido — disse. — Obrigada, comandante.

Whitney observou-a a sair da sala. Eve podia não estar ciente que tinha deixado cair a barreira entre eles, mas Whitney percebera-o muito bem.

— A minha mulher vai adorar isto. — Mais do que satisfeito por deixar Dallas tratar da condução, Feeney recostou-se no lugar do pendura. Ao dirigirem-se para Park Avenue South, o trânsito nas ruas era pouco. Feeney, um nova-iorquino de gema, há muito que se tinha abstraído dos ruídos e dos ecos dos dirigíveis dos turistas e dos *aerobus* que lhe sobrevoavam a cabeça.

— Disseram-me que iam tratar disto. Esses cabrões. Estás a ouvir aquilo, Feeney? Ouves aquela porcaria de barulho?

Amavelmente, Feeney concentrou-se no som que vinha do painel de controlo do veículo de Eve.

— Parece um enxame de abelhas assassinas.

— Três dias — disse furiosamente. — Três dias a arranjar, e escuta. Está pior do que antes.

— Dallas. — Colocou-lhe a mão no braço. — Talvez tenhas de admitir e aprender a lidar com o simples facto do teu veículo ser uma porcaria. Faz a requisição de um novo.

— Não quero um novo. — Bateu no painel de controlo com a mão. — Quero este, sem os efeitos sonoros. — Ficou presa num semáforo, bateu com os dedos no volante. Da maneira que os controlos soavam, Eve não poderia ligar o automático. — Onde raio é que fica o n.º 582 de Central Park South? — Os controlos continuaram a zumbir, por isso voltou a bater no painel. — Eu disse, onde raio é que fica o n.º 582 de Central Park South?

— Pergunta de maneira simpática. — Sugeriu Feeney. — Computador, por favor, exiba o mapa e localize o n.º 582 de Central Park South.

Quando o ecrã de visionamento apareceu, com o mapa holográfico a realçar o caminho, Eve apenas protestou.

— Não mimo as minhas ferramentas.

— O que pode ser o motivo pelo qual te estão sempre a falhar. Como estava a dizer — continuou, antes que Eve lhe respondesse agressivamente —, a minha mulher vai adorar isto. O Justin Young. Costumava fazer o papel dum garanhão em Night Falls.

— Isso não é uma telenovela? — Eve olhou para Feeney. — O que raio é que andas a fazer a ver telenovelas?

— Hei, mudo para o Canal Telenovelas para me distrair um bocado, como toda a gente. De qualquer modo, a patroa era louca por ele. Ele agora anda a fazer filmes. Ela raramente passa uma semana sem programar um dos filmes dele no ecrã. O tipo é bom, também. E depois temos a Jerry Fitzgerald. — Feeney sorriu deslumbrado.

— Guarda as tuas fantasias para ti, amigo.

— Digo-te, a rapariga tem um corpão. Não é como algumas modelos que têm os corpos quase em osso. — Fez um som como um homem prestes a comer uma grande taça de gelado. — Sabes qual é uma das melhores coisas de trabalhar contigo, nos tempos recentes, Dallas?

— O meu charme e astúcia?

— Sim, claro. — Revirou os olhos. — É poder ir para casa e contar à patroa quem é que interroguei. Um multi-milionário, um senador, aristocratas italianos, estrelas de cinema. Digo-te, tem feito maravilhas pelo meu prestígio.

— Ainda bem que pude ajudar. — Eve enfiou o seu veículo da polícia entre um mini Rolls Royce e um Mercedes antigo. — Tenta controlar a tua admiração quando interrogarmos o actor.

— Sou um profissional. — Mas ria-se ao sair do veículo. — Olha só para este sítio. Gostavas de ter casa aqui? — Feeney riu-se e desviou o olhar da fachada de mármore falso do enorme prédio. — Ah, esqueci-me. Isto agora é uma espelunca para ti.

— Vai-te lixar, Feeney.

— Anda lá miúda, relaxa. — Pôs-lhe um braço à volta do ombro à medida que se dirigiam para a porta. — Apaixonares-te pelo homem mais rico do mundo não é motivo de vergonha.

— Não tenho vergonha disso. Só não gosto de pensar muito sobre isso.

O edifício era chique o suficiente para ter um porteiro humano e segurança electrónica. Eve e Feeney exibiram os distintivos, sendo-lhes concedida passagem para a entrada dourada em mármore com plantas e flores exóticas em vasos de porcelana.

— Que exibicionismo — considerou Eve.

— Vês o quão aborrecida estás a ficar? — Feeney aproximou-se dos

monitores internos de segurança. — Tenente Dallas e Capitão Feeney, para ver Justin Young.

— Um momento, por favor. — O computador fez uma pausa enquanto verificava as identificações. — Obrigado por esperarem. O Sr. Young está à vossa espera. Por favor, dirijam-se ao elevador número três, seleccionem o destino. Tenham um bom dia.

— Então como é que queres fazer isto? — Feeney franziu os lábios, analisou a câmara minúscula no canto do elevador, enquanto subia. — O teatro normal de polícia bom/polícia mau?

— É engraçado como isso funciona sempre.

— Os civis são alvos fáceis.

— Começamos com o “lamento aborrecê-lo, agradecemos a cooperação”, esse tipo de coisas. Se virmos que está a brincar connosco, podemos mudar de tática.

— Se fizermos isso, quero ser o polícia mau.

— És um péssimo polícia mau. Admite.

Feeney olhou desoladamente para Eve.

— Sou teu superior, Dallas.

— Sou a investigadora principal, e sou melhor polícia mau do que tu. Aguenta-te.

— Tenho sempre de ser o polícia bom — disse, ao entrarem num átrio bem iluminado, com mais mármore, mais cor.

Justin Young abriu a porta com um *timing* perfeito. Além disso, pensou Eve, vestira-se de maneira a desempenhar o papel da testemunha confortável, mas no entanto cooperativa, com calças de linho e uma camisa de seda com a mesma tonalidade. Nos seus pés tinha sandálias que estavam na moda, com solas grossas, ornamentadas com uma complexa combinação de pérolas por cima do peito do pé.

— Tenente Dallas, capitão Feeney. — O seu rosto, lindamente esculpido, estava com contornos sérios, os olhos pretos, sóbrios, e um contraste dramático com o farto cabelo ondulado, da mesma cor do átrio dourado. Esticou a mão, adornada com um largo anel com ónix embutido. — Entrem, por favor.

— Obrigada por aceder a receber-nos tão prontamente, Sr. Young. — Talvez o seu olho se tivesse tornado aborrecido, mas a análise inicial de Eve à sala deixou-a pensativa. Demasiado trabalhada, demasiado elaborada e demasiado cara.

— Que tragédia, que horror. — Apontou para que fossem para o enorme sofá em forma de L, preenchido por almofadas de cores selvagens e tecidos macios. Do outro lado da sala, um ecrã de meditação estava programado para uma praia tropical ao pôr-do-sol. — É quase impossível acre-

ditar que ela morreu, muito menos que morreu de maneira tão súbita e violenta.

— Lamento a intromissão. — Começou Feeney, ao preparar-se para o seu papel de polícia bom, enquanto se controlava para não olhar maravilhado para todos os enfeites e vitrais. — Deve ser uma altura difícil para si.

— É mesmo. A Pandora era minha amiga. Posso oferecer-lhes qualquer coisa? — Sentou-se, de maneira esguia e elegante, num cadeirão capaz de engolir uma criança.

— Não, obrigada. — Eve tentou abrir caminho por entre a montanha de almofadas.

— Vou tomar algo, se não se importarem. Tenho-me alimentado, essencialmente, de nervos desde que ouvi as notícias. — Inclinando-se para a frente, pressionou um pequeno botão na mesa entre eles. — Café, por favor. Um. — Recostando-se, sorriu um pouco. — Quererão saber onde eu estava quando ela morreu. Já participei em alguns filmes de polícias durante a minha carreira. Já fiz de polícia, de suspeito, até de vítima, no início. Com a minha imagem, tenho sido sempre inocente.

Justin olhou para cima enquanto um dróide doméstico, vestido com um uniforme clássico de criada francesa — o que causou um espanto aterrorizado a Eve —, trouxe um tabuleiro de vidro com uma só chávena e um pires. Justin pegou na chávena e usou as duas mãos para a levar aos lábios.

— Os *media* ainda não mencionaram exactamente quando é que Pandora foi assassinada, mas creio poder fornecer os meus movimentos de toda a noite. Estive com ela, numa pequena festa em sua casa até cerca da meia-noite. A Jerry e eu — Jerry Fitzgerald — saímos juntos e fomos tomar um copo numa discoteca privada que ficava por perto. O Ennui. Está muito na moda, agora, e paga para que ambos sejamos vistos por lá. Penso que era uma da manhã quando fomos embora. Ainda pensámos em ir a outras discotecas, mas admito, já tínhamos bebido e socializado o suficiente. Viemos para cá, ficámos juntos até às 10 horas da manhã seguinte. A Jerry tinha um trabalho. Só quando ela foi embora e eu fui beber a minha primeira chávena de café é que liguei as notícias e vi o que tinha acontecido.

— Isso cobre a noite, por certo — disse Eve. Justin tinha declamado tudo, como se de uma peça bem ensaiada se tratasse, pensou. — Vamos precisar de falar com a Sra. Fitzgerald para averiguar.

— Com certeza. Gostariam de o fazer agora? Ela está no quarto de relaxamento. A morte da Pandora deixou-a algo abalada.

— Deixemo-la relaxar um pouco mais. — Sugeriu Eve. — Disse que era amigo da Pandora. Eram amantes?

— De vez em quando, nada de muito sério. Era mais uma questão de frequentarmos os mesmos círculos. E para ser brutalmente honesto numa

altura como esta, a Pandora preferia homens facilmente domináveis, intimidados. — Sorriu, como se para mostrar que não era um deles. — Ela preferia casos com quem estava a tentar ter sucesso e não com aqueles que já o tinham atingido. Raramente gostava de partilhar as luzes da ribalta.

Feeney apanhou o ritmo.

— Com quem estava ela envolvida, romanticamente, na altura da sua morte?

— Havia uns quantos, penso. Alguém que conheceu na Starlight Station... um empresário, dizia ela, mas num tom sarcástico. Um estilista em ascensão, a Jerry diz-me que ele é brilhante. Michelangelo, Puccini, Leonardo. Qualquer coisa do género. O Paul Redford, o produtor que se juntou a nós ontem à noite.

Bebeu um trago do café, depois pestanejou.

— Leonardo. Sim, era Leonardo. Havia ali um arrufo qualquer. Uma mulher passou pela casa enquanto lá estávamos. Lutaram por causa dele. Uma luta entre mulheres à moda antiga. Teria sido divertido, se não tivesse sido tão embaraçoso para todos os envolvidos.

Esticou os seus dedos elegantes e parecia algo contente, apesar da sua declaração. Bem feito, pensou Eve. Bem ensaiado, bom *timing*, as falas profissionalmente introduzidas.

— Foi preciso eu e o Paul para as separarmos.

— A mulher foi a casa de Pandora e atacou-a fisicamente? — Perguntava Eve, em tons cuidadosamente neutros.

— Ah, não, de todo. A pobre coitada estava devastada, a implorar. A Pandora chamou-lhe uns quantos nomes cruéis e bateu-lhe. — Justin demonstrou fechando o punho e agitando-o. — Acertou-lhe mesmo. A mulher era pequena, mas deu luta. Levantou-se logo e foi à luta. Depois disso seguiu-se luta-livre, puxões de cabelos, arranhões. A mulher estava a sangrar quando foi embora. A Pandora tinha unhas mortíferas.

— A Pandora arranhou a cara da mulher?

— Não. Embora tenha a certeza que terá uma grande nódoa negra. Arranhou-lhe o pescoço, se não estou em erro. Quatro arranhões feios e longos, no lado do pescoço. A mulher, receio não saber o nome dela. A Pandora só lhe chamava cabra, e sinónimos do mesmo. Estava a tentar não chorar quando foi embora, e disse a Pandora, de maneira bastante dramática, que ela se iria arrepender pelo que lhe tinha feito. Depois, temo que tenha arruinado a sua saída por choramingar que o amor conquista tudo.

Parecia mesmo a Mavis, pensou Eve.

— E depois dessa mulher ter saído, como é que Pandora se comportou?

— Estava furiosa, demasiado perturbada. Foi por isso que eu e a Jerry saímos mais cedo.

— E o Paul Redford?

— Ficou; não sei dizer por quanto mais tempo. — Com um suspiro que denotava arrependimento, Justin colocou o seu café de lado. — É injusto dizer algo negativo sobre a Pandora quando ela já não se pode defender, mas ela era difícil, muitas vezes cáustica. Metiam-se com ela, pagavam as consequências.

— E alguma vez se meteu com ela, Sr. Young?

— Sempre tive o cuidado de não o fazer. — Sorriu de maneira charmosa. — Gosto da minha carreira e da minha aparência, tenente. A Pandora não era ameaça para a primeira, mas já tinha visto e ouvido falar de ela causar danos a rostos quando irritada. Acredite, ela não tinha unhas cuidadas em forma de facas só pela moda.

— Ela tinha inimigos.

— Bastantes, a maioria dos quais tinham pavor dela. Não consigo imaginar quem finalmente se tenha passado e revoltado contra ela. E pelo que ouvi nas notícias, não posso crer que a Pandora merecesse morrer de maneira tão brutal.

— Apreciamos a sua franqueza, Sr. Young. Se for conveniente, gostaríamos de falar com a Sra. Fitzgerald agora. Em privado.

Justin levantou uma sobrancelha, fina e elegante.

— Sim, claro. Nada de combinar histórias.

Eve apenas sorriu.

— Já tiveram bastante tempo para fazer isso. Mas gostaríamos de falar com ela em privado.

Eve teve o prazer de observar a expressão elegante de Justin ficar algo abalada por tal afirmação.

— Ainda assim... — Justin levantou-se e andou em direcção ao corredor de ligação.

— O que é que pensas? — disse Feeney.

— Penso que foi uma performance espectacular.

— Estamos em sintonia. Ainda assim, se ele e a Fitzgerald andaram a destruir os lençóis durante a noite toda, ele está safo.

— Eles são um álibi mútuo, ficam ambos safos. Vamos buscar as disquetes de segurança da gerência do edifício, ver a que horas eles chegaram. Ver se voltaram a sair.

— Nunca confio nessas coisas, pelo menos desde o caso DeBlass.

— Se andaram a brincar com as disquetes, reparamos. — Eve olhou de repente para cima ao ouvir o barulho de Feeney a meter a barriga para dentro. A sua cara triste tinha-se iluminado. Os seus olhos estavam vidra-

dos. Depois de vislumbrar a entrada de Jerry Fitzgerald, Eve pensou no porquê de a língua de Feeney não estar de fora.

Ela tinha mesmo um corpão, pensou Eve. Os seus seios suculentos mal ficavam cobertos pela seda de marfim que ia desde os mamilos, colava-se e desaparecia brevemente uns milímetros abaixo da virilha. Uma perna, longa e bem feita, estava decorada de lado, na zona do joelho, com uma rosa vermelha em pleno desabrochar.

Jerry Fitzgerald estava definitivamente a desabrochar.

Depois havia o rosto, suave e sonolento como se tivesse acabado de ter sexo. Cabelo preto, liso e perfeitamente curvado, a emoldurar um queixo redondo e feminino. A sua boca era cheia, húmida e vermelha, os seus olhos de um azul deslumbrante, completados por pestanas bicudas e douradas.

Quando esta deslizou até uma cadeira como uma deusa do sexo pagã, Eve bateu na perna de Feeney em sinal de apoio... e para ajudá-lo a controlar-se.

— Sra. Fitzgerald. — Começou Eve.

— Sim — disse numa voz esfumada. Aqueles olhos assassinos mal olharam para Eve, antes de se agarrarem como lapas à cara atordoada e amigável de Feeney. — É tão horrível, Capitão. Tentei o tanque de isolamento, o melhorador de disposição, até programei o holograma para passeios pelo campo, pois isso relaxa-me sempre. Mas nada do que faço me tira isto do pensamento.

Estremeceu, levou as mãos à sua cara inacreditável.

— Devo parecer uma bruxa.

— Está linda — balbuciou Feeney. — Formidável. Parece...

— Controla-te — disse Eve e atingiu-o com um cotovelo. — Sabemos o quão incomodada deve estar, Sra. Fitzgerald. A Pandora era sua amiga.

Jerry abriu a boca, fechou-a, sorriu matreiramente.

— Podia dizer que era, mas cedo descobririam que não éramos amigas. Era uma tolerância mútua porque estávamos no mesmo negócio, mas sinceramente, não nos suportávamos.

— Ela convidou-a para a casa dela.

— Isso foi porque ela queria que o Justin lá estivesse, e de momento somos muito chegados. E a Pandora e eu socializávamos, até fizemos uns quantos projectos em conjunto.

Jerry levantou-se, ou para exhibir o corpo ou porque se preferia servir a si mesma. De um armário do canto, tirou uma garrafa de cristal em forma de cisne e deitou o seu conteúdo azul safira para um copo.

— Deixem-me que diga que estou sinceramente perturbada pelo modo como ela morreu. É horrível pensar que alguém consegue ter tanto

ódio dentro de si. Estou na mesma linha de trabalho, e igualmente sob a atenção do público. Uma espécie de imagem, tal como Pandora era. Se lhe aconteceu a ela... — Parou, bebeu profundamente. — Podia acontecer-me a mim. É uma das razões pelas quais estou a ficar com o Justin até isto se resolver.

— Descreva os seus movimentos na noite em que a Pandora morreu. Os olhos de Jerry aumentaram.

— Sou suspeita? Isso é quase um elogio. — Voltou para a cadeira, com a bebida na mão. Depois de se ter sentado, cruzou as suas magníficas pernas de maneira a fazer Feeney vibrar ao lado de Eve. — Nunca tive coragem para lhe fazer mais que alguns ataques verbais. Ela nem se apercebia que a estava a atacar em metade das vezes. A Pandora não era exactamente um peso pesado a nível intelectual e nunca entendia a subtilidade. Muito bem.

Recostou-se, fechou os olhos, e contou, basicamente, a mesma história que Justin havia contado, embora ela tivesse, aparentemente, prestado mais atenção à discussão entre Pandora e Mavis.

— Tenho de admitir, estava a torcer por ela. Pela pequenina, não pela Pandora. Tinha algum estilo — disse Jerry. — Estranho, memorável... algo entre um animal sem dono e uma Amazona. Estava a tentar aguentar-se, mas a Pandora teria varrido o chão com ela, não tivessem o Justin e o Paul ido separá-las. A Pandora era mesmo forte. Estava sempre no ginásio a trabalhar na tonificação muscular. Uma vez, vi-a a atirar um consultor de moda pela sala, literalmente, pelo pobre coitado ter errado ao rotular os acessórios dela antes de um desfile. Bem, de qualquer modo...

Acenou como que a esquecer a situação, abriu uma gaveta de metal ao lado dela e encontrou uma caixa envernizada. Tirou um cigarro vermelho brilhante, acendeu-o, expeliu fumo perfumado.

— De qualquer modo, a mulher começou a tentar convencer a Pandora a tentar fazer uma espécie de acordo com ela por causa do Leonardo. Ele é um estilista. A minha opinião é que o Leonardo e a Amazona eram um casal e a Pandora ainda não estava pronta para abdicar dele. Já não falta muito para o desfile dele.

Jerry voltou a demonstrar o seu sorriso matreiro.

— Com a Pandora fora de cena, terei de lhe prestar o meu apoio.

— Ainda não estava envolvida no desfile?

— A Pandora era a cabeça de cartaz. Disse que já tinha feito alguns projectos com a Pandora. Uns quantos vídeos. O problema dela é que ela tinha a aparência, até a presença, mas quando tentava ler as falas de outra pessoa ou tentava ser charmosa no ecrã, não valia nada. Nada. Simplesmente horrível. Mas eu sou boa. — Jerry pausou para deixar mais algum fumo sair pelos lábios. — Mesmo boa, e estou a concentrar-me no meu

trabalho de representação. Mas... participar neste desfile, com este estilista, vai ser um bom empurrão para mim, a nível de publicidade. Isto parece insensível. Peço desculpa. — Encolheu os ombros. — É a vida.

— A morte dela veio numa altura oportuna para si.

— Quando vejo uma oportunidade, agarro-a. Não mato por isso. — Mexeu os ombros novamente. — Isso era mais o estilo da Pandora.

Chegou-se à frente e o decote abriu-se descuidadamente.

— Ouça, não nos enganemos. Tenho um álibi. Estive com o Justin a noite toda, deixei de a ver por volta da meia-noite. Posso ser sincera, dizer-vos que não a suportava, que ela era, obviamente, uma rival profissional e que sabia que ela teria gostado de afastar o Justin de mim só por despeito. E talvez o pudesse ter feito. Também não mato por causa de homens. — Enterneceu Feeney com um olhar. — Há tantos charmosos por aí. E o simples facto é que este apartamento não é grande o suficiente para albergar todas as pessoas que a detestavam. Apenas sou uma mais na multidão.

— Qual a disposição de Pandora na noite em que morreu?

— Arreliada e drogada. — Numa rápida mudança de humor, Jerry recostou a cabeça e riu energicamente. — Não sei o que ela andava a consumir, mas que lhe punha um brilho nos olhos, lá isso punha. Ela estava completamente acelerada.

— Sra. Fitzgerald. — disse Feeney em jeito lento e como que a pedir desculpa. — Acredita que a Pandora ingeriu algum narcótico?

Jerry hesitou por momentos, depois moveu os seus ombros brancos.

— Nada que seja legal nos faz sentir assim tão bem, querido. Ou assim tão mau. E ela estava-se a sentir bem e muito má. O que quer que fosse, estava a afogá-lo em bateladas de champanhe.

— Foram-lhe oferecidas a si ou a qualquer outro dos convidados substâncias ilegais enquanto lá estiveram? — perguntou Eve.

— Ela não me convidou a partilhar. Mas, de qualquer forma, ela sabia que eu não consumia. O meu corpo é um templo. — Jerry sorriu enquanto Eve olhou concentrada para o copo. — Bebida de proteínas, tenente. Apenas proteínas. E isto? — Jerry acenou o seu cigarro fino. — Vegetariano, com um traço de calmantes perfeitamente legais, para os nervos. Já vi muitos caírem à custa das emoções rápidas. Estou cá a longo prazo. Permito-me três cigarros de ervas por dia, e um copo de vinho de vez em quando. Nada de estimulantes químicos, de comprimidos para me fazerem feliz. Por outro lado... — Pousou a bebida. — Pandora era uma grande utilizadora. Engolia o que quer que fosse.

— Sabe o nome do fornecedor dela?

— Nunca pensei em perguntar-lhe. Não estava interessada. Mas se tiver de adivinhar, diria que era algo de novo. Nunca a tinha visto tão enér-

gica, e embora me custe dizê-lo, estava com melhor aparência, mais nova. A textura e o tom da pele. Ela, bem, brilhava. Se não soubesse, diria que tinha feito um tratamento completo, mas ambas frequentamos o Paradise. Sei que ela não esteve no salão nesse dia, porque eu estive. De qualquer modo, perguntei-lhe, ela apenas sorriu e disse que tinha encontrado um novo segredo da juventude, e que iria ganhar balúrdios com isso.

— Interessante — comentou Feeney quando se sentou no carro de Eve. — Falámos com duas das últimas três pessoas a verem a vítima. Nenhuma delas a suportava.

— Podem-no ter feito em conjunto — disse Eve. — A Fitzgerald conhecia o Leonardo, queria trabalhar com ele. A coisa mais simples do mundo é ilibarem-se mutuamente.

Feeney bateu no bolso onde guardara as disquetes de segurança do edifício.

— Vamos analisar estas, ver o que descobrimos. Ainda me parece que nos falta o motivo. Quem quer que a tenha morto, não a queria simplesmente matar, queria-a apagar. Temos uma espécie de raiva poderosa entre mãos. Não me parece que qualquer um daqueles dois se esforçasse.

— Se tocares nos sítios certos, toda a gente se esforça. Quero passar pelo ZigZag, ver se consigo localizar os movimentos da Mavis. E precisamos de contactar o produtor, marcar uma entrevista. Podes encarregar um dos teus dróides de estudar as empresas de carros, Feeney? Não estou a ver a nossa heroína a apanhar o metro ou o autocarro até ao apartamento do Leonardo.

— Claro. — Tirou o comunicador. — Se ela apanhou um táxi ou um serviço de transporte privado, seremos capazes de o saber numa questão de horas.

— Ótimo. Vejamos se foi sozinha ou se tinha companhia.

O ZigZag não tinha grande movimento durante o dia. Vivia para a noite. A clientela diurna era constituída, maioritariamente, por turistas ou por atormentados profissionais urbanos que não se importavam que a decoração fosse espalhafatosa e o serviço intratável. A discoteca era como uma feira que animava à noite, e mostrava a sua idade e falhas durante a penosa luz do dia. Ainda assim, mantinha a sua mística inerente que atraía multidões de sonhadores.

Havia um dróide fixo para música, que assumiria funções de estoirar-ouvidos assim que o sol se pusesse. A estrutura aberta de dois andares era dominada por cinco bares e pistas de dança gémeas e giratórias que começariam o seu circuito às nove da noite. Agora estavam paradas, empilhadas umas por cima das outras, os pisos feridos das pancadas nocturnas dos pés.

As ofertas para almoço eram de sandes e saladas, todas com o nome de estrelas de rock falecidas. O especial do dia era uma sandes de manteiga de amendoim e banana em pão branco, com um acompanhamento de cebolas doces e *jalapeños*. O menu de Elvis e Joplin.

Eve instalou-se com Feeney no primeiro bar, pediu café e observou a empregada do bar. Era humana, em vez de um dróide comum. Aliás, Eve não tinha reparado em dróide nenhum naquela discoteca.

— Alguma vez trabalha no turno da noite? — Eve perguntou-lhe.

— Não. Sou uma trabalhadora diurna — A empregada pousou o café de Eve no bar. Era do tipo empertigado, que aparentava mais ser a porta-voz de uma cadeia de comida saudável do que servidora de bebidas numa discoteca.

— Quem é que trabalha das dez da noite às três da manhã, repara nas pessoas e lembra-se delas?

— Aqui ninguém repara nas pessoas, se puder evitar.

Eve pegou no distintivo, pousou-o no bar.

— Isto avivaria a memória de alguém?

— Não lhe sei dizer. — Despreocupada, encolheu os ombros. — Ouça, este sítio é legítimo. Tenho uma criança em casa, que é a razão pela qual trabalho de dia e o motivo que me levou a ser selectiva sobre onde trabalharia. Investiguei este sítio a pente fino antes de me comprometer. O Dennis, ele gere uma discoteca simpática, pelo que tem empregados com batimentos cardíacos em vez de chips. As coisas podem ficar um pouco agitadas, mas ele trata de tudo.

— Quem é o Dennis, e onde o encontro?

— O escritório dele fica por cima das escadas em caracol à sua direita, por trás do primeiro bar. Ele é dono disto.

— Dallas. Podíamos perder alguns minutos para comer — queixou-se Feeney enquanto caminhava atrás de Eve. — O Mick Jagger parece valer a pena.

— Encomenda para levar.

O bar não estava aberto neste piso, mas, obviamente, Dennis tinha sido avisado. Um painel espelhado deslizou para o lado, e Dennis ali estava, um homem de rosto elegante com uma barba ruiva pontiaguda e um círculo de cabelo preto a fazer lembrar um monge.

— Agentes, bem-vindos ao ZigZag. — A voz de Dennis era calma como um sussurro. — Há algum problema?

— Gostaríamos da sua ajuda e cooperação, Sr...?

— Dennis, só Dennis. Nomes a mais trazem demasiadas complicações. — Levou-os para dentro. A atmosfera de feira terminou à entrada. O escritório era simples, pragmático e sossegado como uma igreja. — O meu santuário — disse, bem ciente do contraste. — Não se consegue aproveitar os prazeres do barulho, das multidões e da confusão humana sem termos o oposto. Sentem-se, por favor.

Eve arriscou com uma cadeira de costas direitas, de aparência dura, enquanto Feeney se sentou noutra.

— Estamos a tentar averiguar as acções de uma das suas clientes na noite de ontem.

— Para?

— Razões oficiais.

— Percebo. — Dennis sentou-se por trás de um pedaço de plástico brilhante que usava como secretária. — É a hora?

— Depois das onze, antes da uma da manhã.

— Abrir ecrã. — Por sua ordem, uma secção da parede abriu, revelando um mostrador. — Repetir análise de segurança cinco, começar às onze da noite.

O ecrã e a sala foram inundados de som, cor e movimento. Por um instante, Eve ficou deslumbrada, depois concentrou-se. Era uma vista geral da discoteca a funcionar por completo. Uma visão algo privilegiada, pensou, como se o observador pairasse sossegadamente sobre as cabeças dos clientes.

Adequava-se ao Dennis o mais possível.

Sorriu, julgando a reacção de Eve.

— Apagar áudio. — De repente, instalou-se o silêncio. Agora o movimento parecia espiritual. Os dançarinos rodopiavam nos pisos circulantes, as luzes piscavam sobre os seus rostos, captando expressões intensas, alegres, selvagens. Um casal num canto a chatear-se, a linguagem corporal a manifestar, claramente, uma discussão a decorrer. Noutro, um ritual de acasalamento com olhares sentimentais e toques íntimos.

Depois Eve localizou Mavis. Sozinha.

— Pode aumentar? — Eve levantou-se, bateu com o dedo no lado esquerdo central do ecrã.

— Claro.

A franzir a sobrancelha, Eve viu Mavis a ficar mais próxima, mais nítida. Eram, de acordo com o visor do tempo, vinte e três e quarenta e cinco. Já havia uma nódoa a escurecer por baixo do olho de Mavis. E quando

virou a cabeça para rejeitar um engate, as marcas de arranhões estavam no seu pescoço. Mas não na cara, reparou com um aperto no coração. O vestido azul brilhante que Mavis usava estava um pouco rasgado no ombro, mas ainda estava junto.

Eve observou Mavis a rejeitar mais alguns homens, depois uma mulher. Engoliu a bebida, pousou o copo na mesa, ao lado de outros já vazios. Desequilíbrio-se um pouco ao levantar-se, retomou o equilíbrio e, com a dignidade exagerada dos bêbedos, Mavis acotovelou caminho por entre a multidão.

Era meia-noite e dezoito.

— É disto que estavam à procura?

— Mais ou menos.

— Parar vídeo. — Dennis sorriu. — A mulher em questão vem cá à discoteca de vez em quando. Ela é, geralmente, mais sociável, gosta de dançar. Canta uma vez por outra. Penso que tem um certo talento diferente, anima bastante as multidões. Precisa do nome dela?

— Sei quem é.

— Bem, então. — Levantou-se. — Espero que a Sra. Freestone não esteja em apuros. Ela parecia infeliz.

— Posso conseguir um mandato para essa disquete, ou o Dennis pode dar-me uma cópia.

Dennis levantou uma sobrancelha ruiva.

— Dou-lhe uma cópia com todo o gosto. Computador, copiar disquete e rótulo. Posso fazer mais alguma coisa?

— Não, por agora não. — Eve aceitou a disquete e enfiou-a na mala. — Agradeço a colaboração.

— Colaboração é o que une a vida — disse Dennis enquanto o painel se fechava por trás dele.

— Anormal — decidiu Feeney.

— Um anormal eficiente. Sabes, a Mavis pode ter arranjado confusão enquanto estava a percorrer os bares. Pode ter ficado com a cara arranhada, com as roupas rasgadas.

— Sim. — Determinado a comer, Feeney parou numa mesa de encomendas e pediu um Jagger para levar. — Devias comer qualquer coisa, Dallas, para além de trabalho e preocupação.

— Estou bem. Não sou grande adepta da vida nocturna, mas se ela estivesse a pensar em ir para casa do Leonardo, teria de ir para sul e para este a partir daqui. Vamos ver os seus pontos de paragem mais prováveis.

— Sim, vamos. Espera só um segundo. — Obrigou-a a esperar até que a sua comida estivesse pronta. Quando chegaram ao carro, já Feeney

— tinha retirado o invólucro transparente e dado a primeira dentada. — Muito bom. Sempre gostei do Jagger.

— Que raio de maneira de viver para sempre. — Eve tinha começado a pedir um mapa quando a teleligação apitou, ao sinalizar uma transmissão a chegar. — O relatório do laboratório — disse e concentrou-se no ecrã. — Oh, porra.

— Merda, Dallas, isto é uma porcaria. — Feeney perdeu o apetite, guardou a sandes no bolso. Ambos ficaram em silêncio.

O relatório era bastante explícito. Era a pele de Mavis, e só de Mavis, debaixo das unhas da vítima. As impressões digitais de Mavis, e só de Mavis, estavam na arma do crime. E era o sangue dela, e só dela, misturado com o da vítima no local do crime.

A teleligação apitou outra vez, e desta vez, apareceu um rosto no ecrã.

— Procurador Público Jonathan Heartly, tenente Dallas.

— Percebido.

— Vamos emitir um mandato de captura para Freestone, Mavis, acusação de homicídio em segundo grau. Por favor, aguarde pela transmissão.

— Não perderam tempo. — Resmungou Feeney.